



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social - DESCA

Joana Filipa Amado de Oliveira (e-mail: jo.oliveira@live.com.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde (área de subespecialização: Psicologia Forense) sob a orientação da Professora Doutora Isabel Marques Alberto

Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social - DESCAs

Resumo: Em contexto de avaliação psicológica (forense), a desejabilidade social constitui uma temática amplamente presente, na medida em que é comum os indivíduos tenderem a dar respostas pouco honestas, no sentido de apresentarem uma imagem destacadamente positiva de si próprios com o propósito de atingirem um determinado objetivo. Numa altura em que os psicólogos forenses são cada vez mais solicitados no trabalho de assessoria ao Tribunal, torna-se relevante examinar este tipo de enviesamento de respostas/comportamentos, para se poder providenciar uma maior validade dos resultados obtidos no contexto da avaliação psicológica.

O presente estudo teve como objetivo principal validar um instrumento de avaliação da desejabilidade social (*Escala de Desejabilidade Social* - DESCAs) e obter valores médios de resposta à DESCAs numa amostra da população geral, funcionando como referência para a avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia parental, contexto em que a motivação para apresentar uma autoimagem positiva e extremamente favorável tem sido reforçada na literatura e manifesta na experiência clínica.

Recorrendo a uma amostra da população geral ($N = 229$), procurou-se apurar as qualidades psicométricas da DESCAs, ao nível da precisão e da validade da escala, bem como estabelecer as medidas de tendência central e de dispersão. Analisou-se também a influência de variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade) na desejabilidade social.

Os resultados obtidos indicam qualidades psicométricas razoáveis, tanto ao nível dos estudos de precisão - no que respeita à consistência interna da DESCAs ($\alpha = .757$), mas também no que se refere à estabilidade temporal da escala ($r = .749$), como de validade (de constructo). A estrutura dimensional subjacente à DESCAs permitiu a identificação de três fatores que explicam 51.476% da variância total: *Busca de Aprovação Social* (BAS), *Gestão de Imagem Social* (GIS) e *Dependência Relacional* (DR).

Os dados obtidos apontam para diferenças nulas relativas ao sexo; para indícios de uma inclinação global para níveis mais proeminentes de desejabilidade social, em faixas etárias mais avançadas; e para uma tendência para uma menor desejabilidade social perante níveis de escolaridade superiores, comparativamente a níveis menos avançados.

Palavras-chave: Desejabilidade Social, Avaliação Psicológica, Fiabilidade, Validade

Social Desirability Scale validation studies – DESCAs

Abstract: On the scope of psychological evaluation (forensic), Social Desirability takes part on a widely current subject area, to the extent that it is common that individuals tend to not being honest on their answers, in an effort to present a highlighted positive image of themselves, so that they can reach a particular purpose. In a time when forensic psychologists are often summoned for Court's consultant work, it is important to examine this kind of bias in responses/ behavior, in order to provide a greater validity of results in psychological evaluation context.

This study's main purpose is to validate a Social Desirability's evaluation instrument (*Social Desirability Scale – DESCAs*) and obtain average values in response to DESCAs of a general population sample, operating as a reference for the evaluation of parents involved in child custody litigation, context in which the motivation to come up with a positive and extremely bright self image has been reinforced in literature and expressed in clinical experience.

Resorting to a general population sample (N=229), it was attempted to determine DESCAs's psychometrical qualities, regarding reliability and scale validity, as well as establishing measures of central tendency and dispersion. The influences of social and demographic variables (gender, age, education) in Social Desirability were also analyzed.

The obtained results indicate psychometric reasonable qualities, as much for reliability studies level – in what concerns DESCAs's internal consistency ($\alpha = .757$), as for what refers to scale temporal consistency ($r = .749$), as for validity (of construct). The dimensional structure underlying the DESCAs allowed to identify 3 factors which explain 51.476% of the total variance: *Search for Social Approval (BAS)*, *Social Image Management (GIS)* and *Relational Dependency (DR)*.

The obtained data indicates that: there are no differences regarding the gender; there is evidence of a global tendency for Social Desirability's more outstanding levels, in older age groups; there is propensity to a minor Social Desirability towards higher levels of education, comparing to less advanced levels.

Key-words: Social Desirability; Psychological Evaluation; Reliability; Validity

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Alberto, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos, pela orientação, atenção e disponibilidade sempre prontas, mas também pelo incentivo e pelo trato sempre humano, que tão bem a resume!

À Dr.^a Mónica Fonseca que, atenciosamente, se disponibilizou para me auxiliar na tarefa de recolha da amostra.

A todos os participantes da presente investigação que, dando o seu consentimento de participação no estudo, o tornaram exequível.

À minha família, em especial:

aos meus pais, a quem tudo devo, pela força e apoio inesgotável, pelos exemplos e valores transmitidos, pela dedicação e amor, pela garra de lutar e vencer.

ao meu irmão, pelo encorajamento, pela paciência, pela entreatajuda constante e companheirismo, pela partilha e pelo carinho, de anos!

à minha avó, pelo amor incondicional.

A vocês, obrigada por sempre acreditaram em mim!

Ao Hélder, pelo companheirismo e apoio constante, pela ajuda incessante, pela determinação nas palavras, pela calma transmitida e pelo otimismo. Mas também pela presença na minha vida e pela dedicação e amor constantes!

Um muito obrigada por a tua caminhada ser também a minha caminhada!

À Vanessa pelas palavras sábias, pelos momentos de escuta, pelo simples “estar lá” sempre que necessário. Obrigada pela força! Obrigada também por todos os momentos verdadeiros de felicidade e de partilha proporcionados nesta minha passagem por Coimbra.

Aos colegas e amigos de curso que em Coimbra conheci e que me acompanharam ao longo de cinco anos.

Em especial, à Patrícia, companheira de todas as horas na Psicologia Forense, sempre pronta a ajudar-me e a ouvir-me. Obrigada pela partilha e pela sinceridade que te caracteriza!

A todas as pessoas importantes que marcaram presença na minha vida e que participaram na construção do que hoje sou, escrevendo comigo, “lado-a-lado”, as páginas do meu livro.

Um profundo obrigada!

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento concetual	1
1.1 Definição e concetualização da desejabilidade social.....	1
1.1.1 Tipos de desejabilidade social.....	5
1.1. 2 Avaliação da desejabilidade social.....	8
II - Objetivos	11
III - Metodologia	13
3.1 Amostra	13
3.2 Instrumentos.....	15
3.2.1 Questionário sociodemográfico	15
3.2.2 Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck & Barrett, 1985; Almiro & Simões, 2012).....	15
3.2.3 <i>Marlowe-Crowne Social Desirability Scale</i> (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2010)	16
3.2.4 Escala de Desejabilidade Social (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012)	17
3.2.5 Escala de Avaliação da Empatia (ESEMP; Alberto, Nóbrega, & Fonseca, 2012).....	18
3.2.6 Subteste Compreensão da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III, Wechsler, 1997, 2008).....	18
3.3 Procedimentos	18
IV – Apresentação e Discussão de Resultados	19
4.1 Estudos de Precisão	19
4.2 Estudos de Validade	20
4.3 Estatísticas descritivas – valores da escala total e subescalas em função do sexo, idade, nível de escolaridade	28
V - Conclusões	32
Bibliografia.....	34
Anexos.....	43

Lista de Anexos

Anexo A – DESCAs.....	44
Anexo B - Características psicométricas da DESCAs Total (versão estudo: 21 itens)	45
Anexo C – Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens da DESCAs Total (versão final).....	46
Anexo D - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 1: Busca de Aprovação Social (BAS).....	49
Anexo E - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 2: Gestão de Imagem Social (GIS)	50
Anexo F - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 3: Dependência Relacional (DR).....	51
Anexo G – Resultados dos testes <i>t</i> e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCAs Total)	52
Anexo H – Resultados dos testes <i>t</i> e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCAs Fator 1: Busca de Aprovação Social).....	54
Anexo I – Resultados dos testes <i>t</i> e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCAs Fator 2: Gestão de Imagem Social).....	56
Anexo J – Resultados dos testes <i>t</i> e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCAs Fator 3: Dependência Relacional).....	57
Anexo K – Análise dos Resultados das Correlações (<i>r</i> de Pearson).....	58

Lista de Tabelas

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra	13
Tabela 2. Síntese das características psicométricas da DESCA (15 itens)	19
Tabela 3. Itens constituintes do Fator 1 - Busca de Aprovação Social (BAS).....	22
Tabela 4. Síntese das características psicométricas – Fator 1 (6 itens).....	22
Tabela 5. Itens constituintes do Fator 2 - Gestão de Imagem Social (GIS).....	22
Tabela 6. Síntese das características psicométricas – Fator 2 (5 itens).....	23
Tabela 7. Itens constituintes do Fator 3 - Dependência Relacional (DR)	24
Tabela 8. Síntese das características psicométricas – Fator 3 (4 itens).....	24
Tabela 9. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função do sexo	29
Tabela 10. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função da idade	30
Tabela 11. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função da escolaridade	31

Introdução

Em contexto de avaliação psicológica é comum os indivíduos relatarem ausência de problemas emocionais e/ ou psicológicos - não respondendo de forma sincera - com o propósito de atingirem um determinado objetivo, como por exemplo a custódia dos filhos (Jiménez, Sánchez, & Tobón, 2009). Grande parte das escalas de avaliação psicológica não têm respostas certas ou erradas e, como tal, para o psicólogo é um desafio saber se dada resposta do sujeito é a mais ou menos fiável para o descrever. Assim, essas medidas continuam a ser criticadas e consideradas limitadas pelo potencial efeito do viés de resposta no sentido da desejabilidade social (Ackerman & Pritzl, 2011; Paunonen & LeBel, 2012; Ziegler & Buehner, 2009). A este respeito, a *American Educational Research Association* e o *National Council on Measurement in Education* (2002) e a *American Psychological Association* (2010) recomendam cautela na interpretação da resposta dos examinandos, principalmente em contextos onde o enviesamento de resposta é antecipado, já que poderá tornar os resultados obtidos não interpretáveis e não fiáveis. Recomendam igualmente que, na construção de instrumentos psicológicos, se determine a influência que vários constructos têm sobre as respostas, onde se inclui a desejabilidade social.

Segundo Andrews e Meyer (2003), a determinação da distorção das respostas no sentido da desejabilidade social é essencial em contexto forense. A tendência para o indivíduo se apresentar de maneira socialmente desejável afetará a forma como este se revela em contexto de avaliação psicológica (Andrews & Meyer, 2003), particularmente em processos de custódia infantil e juvenil e determinação da capacidade/ competência parental, uma das áreas jurídicas onde os respondentes se encontram altamente motivados para se apresentarem de forma socialmente ajustada (Carr, Moretti, & Cue, 2005; Gould, Martindale, & Flens, 2009; Tobin, Seals, & Vincent, 2011). Assim, a adaptação e validação de escalas de desejabilidade social torna-se premente neste contexto.

O presente estudo pretende contribuir para a validação de um instrumento de avaliação da desejabilidade social construído a partir da experiência de avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia a nível da capacidade/ competência parental.

I – Enquadramento concetual

1.1 Definição e concetualização da desejabilidade social

Tendo em conta a importância que os instrumentos de avaliação psicológica têm na prática forense (Emery, Otto, & Donohue, 2005; Heinze & Grisso, 1996; Quinnell & Bow, 2001), torna-se preocupante a noção

largamente difundida de que os resultados dos testes psicológicos são influenciados por determinantes não relevantes para a resposta (Crandall, Crandall, & Katrovsky, 1965; Crowne & Marlowe, 1960; Paulhus, 1991). O enviesamento das respostas continua a ser um dos maiores problemas na avaliação psicológica, principalmente no que concerne às medidas de autorrelato, nas quais os sujeitos reportam os seus próprios traços, atitudes e comportamentos, e que poderão envolver viés sistemático de resposta, no sentido de criarem uma imagem adequada/ ajustada, mas “enganadora” do real funcionamento pessoal (Bathurst, Gottfried, & Gottfried, 1997; Holden & Passey, 2009; Paulhus, 1991; Paunonen & LeBel, 2012; Robinette, 1991; Saar, Aavik, & Konstabel, 2012; Ziegler & Buehner, 2009). Responder de um modo socialmente desejável é das formas de enviesamento de resposta mais frequentemente estudada na literatura (Ackerman, 2010; Paulhus, 1991).

Nesse sentido, o tópico da desejabilidade social tem sido (e continua a ser) alvo de bastante discussão (Dilchert, Ones, Viswesvaran, & Deller, 2006; Holden & Passey, 2009; Paulhus, 1991; Paunonen & LeBel, 2012; Saar et al., 2012). De acordo com Andrews e Meyer (2003), Paulhus (1991, 2002), Paulhus e Reid (1991), Oliveira (2004) e Schermer e MacDougall (2013), a desejabilidade social traduz a tendência sistemática dos sujeitos para dar respostas socialmente aceitáveis (ou consideradas mais corretas). Clarificando, Crowne e Marlowe (1960) referem que o sujeito dá a resposta que julga socialmente melhor, ou que está em maior conformidade com a cultura vigente, dada a sua necessidade de aprovação social. Freire e Almeida (2001) acrescentam outras explicações possíveis para a tendência para responder de forma socialmente aceite, nomeadamente: autodeceção; fraca afirmação pessoal; necessidade de se conformar com o que os outros esperam de si; autoproteção; fuga à crítica; conformidade social e necessidade de obter aprovação social (especificamente em situações de insegurança pessoal e social) e necessidade de atenção.

O conceito pode ainda ser definido como a tendência do indivíduo para se autodescrever de forma exageradamente positiva (Holden & Passey, 2009; Mortel, 2008; Paulhus, 2002) e mais favorável perante os outros (Fleming & Zizzo, 2011; Groh, Ferrari, & Jason, 2009; Johnson & Fendrich, 2002; Smith & Archer, 2008).

Segundo Andrews e Meyer (2003), essa autoapresentação poderá revelar-se de diversas formas, como por exemplo, apresentar uma gama variada de mentiras, com o objetivo de parecer “a melhor pessoa do mundo”, ou tentar seduzir o examinador, demonstrando um trato politicamente correto.

Edwards (1957, como citado em Holden & Passey, 2009), Helves e Holden (2003) e Dalton e Ortegren (2011) caracterizam a desejabilidade social como a tendência dos indivíduos para concordar com afirmações positivas sobre o *self*, exagerando o relato de características e comportamentos socialmente desejáveis e rejeitar autoafirmações acerca do *self* no sentido de suavizar características indesejáveis. Para Paunonen e LeBel (2012), a desejabilidade social consiste na deturpação motivada e direcional que o sujeito faz das suas características, sendo que o respondente

seleciona (por predisposição ou enviesamento) os itens auto-descritivos que lhe são mais desejáveis socialmente, em vez de escolher aqueles que justificam ou correspondem mais aos seus traços ou comportamentos reais. O sujeito poderá estar envolvido conscientemente numa estratégia deliberada de deturpação para dar uma boa impressão de si ou, por outro lado, essa deturpação pode ocorrer a um nível inconsciente e ser motivada por uma necessidade latente de autoaperfeiçoamento e de manutenção do ego (Paulhus, 1984).

Saliente-se que, embora vários autores (e.g. Franke, 2002; Holden & Passey, 2010; Mersman & Shultz, 1998) refiram o termo *faking* como sinónimo de desejabilidade social, Paunonen e LeBel (2012) assumem que são conceitos distintos. Enquanto reservam o primeiro para um tipo de deturpação dos atributos, de forma não necessariamente desejável, definem a desejabilidade social como um caso específico de *faking*, com o respondente a apresentar-se enquanto “boa pessoa”. Na mesma ordem de ideias, Holden e Book (2012) explicam que *faking* e desejabilidade social não são conceitos isomórficos, mas o primeiro é um dos aspetos do segundo, isto é, uma das várias facetas do constructo em análise. Como tal, *faking* consiste numa deturpação intencional, consciente e deliberada do autorrelato, motivada para alcançar objetivos pessoais (Holden & Book, 2012; MacCann, Ziegler, & Roberts, 2012; Ziegler, MacCann, & Roberts, 2012). Enquanto comportamento, e não um traço (ou seja, representa um *response set*), o *faking* apenas é ativado quando fatores situacionais e individuais motivam essa resposta (Ellingson, 2012; Ziegler & Buehner, 2009). Frequentemente reportado como sinónimo do *impression management*, ainda assim a definição de *faking* não é igualmente livre de discussão (MacCann et al., 2012).

Responder de uma forma socialmente desejável poderá mesmo residir num estilo de resposta quando consistentemente utilizado ao longo do tempo e em vários instrumentos de avaliação (Jackson & Messick, 1958; Kurtz, Tarquini, & Iobst, 2008; Wiggins, 1973, como citado em Paulhus, 1991), enquanto uma tendência não temporária, mas estável, que reflete um estilo individual consistente ou traço de personalidade (Jackson & Messick, 1958). Salgado (1996) expõe que a investigação se tem debruçado sobre as respostas socialmente desejáveis, enquanto “indicadoras de características gerais e duráveis da personalidade” (p. 94), na medida em que existirão diferenças individuais relativamente estáveis, na tendência para se apresentar de um modo pretensamente desejável, o que também é defendido por Edwards (1967a). Desta forma, detetar os estilos de resposta do indivíduo poderá revelar características distintivas da personalidade, especificamente o modo como o indivíduo lida com determinadas situações e o seu estilo de autoapresentação para si e para os outros (Baumeister & Cairns, 1992).

Deste estilo de respostas resulta uma avaliação imprecisa do *self* causada pela combinação da minimização de qualidades negativas – por um processo de negação de falhas consideradas comuns - e da maximização de qualidades positivas, apresentando virtudes consideradas pouco habituais (Kurtz et al., 2008). Ackerman (2010) defende a análise do estilo de resposta

do indivíduo enquanto fator primordial em qualquer avaliação, assim como a identificação de como este afeta os resultados dos testes e, conseqüentemente, a avaliação como um todo. O autor distingue um estilo de resposta confiável/ honesto, em que o sujeito apresenta uma tentativa genuína para ser preciso e onde as imprecisões resultariam de má compreensão, de um estilo de resposta defensivo, em que o indivíduo nega ou minimiza conscientemente sintomas psicológicos e/ ou físicos (Ackerman, 2010). Também Anastasi (1990) e Paulhus (1984) defendem a inclusão da desejabilidade social na avaliação, enquanto mais um elemento a ser medido e não algo a eliminar.

Numa tentativa de clarificação do conceito de enviesamento de resposta, Paulhus (1991, 2002) apresenta uma distinção entre *response styles*, enquanto tendência para responder, sistematicamente, a uma série de itens de provas psicológicas numa direção não relacionada especificamente com o conteúdo do item (e.g., o sujeito pode escolher a resposta mais desejável, a nível social) das provas; e *response set*, enquanto reação temporária para responder de forma desejada socialmente a uma variável situacional, sendo, portanto, atribuída a alguma distração temporária ou a questões motivacionais, como por exemplo, a pressão do tempo ou a exposição pública, ou atribuídas aos efeitos do contexto, como, por exemplo, o formato dos itens da prova.

Relativamente às diferenças individuais na desejabilidade social, alguns dos estudos sugerem que estas não são estatisticamente significativas em função do sexo (Andrews e Meyer (2003); Johnson & Fendrich, 2002; Loo & Thorpe, 2000; Oliveira, 2004; Ribas, Moura e Hutz, 2004; Stöber, 2001; Zook & Sipps, 1985). Ao passo que Gooden e Struble (1990) e Ray (1988) assinalam uma tendência para níveis mais elevados de desejabilidade social no sexo feminino, enquanto Seol (2007) encontrou valores mais elevados nos homens. Diversos estudos evidenciam que a desejabilidade social aumenta com a idade (Ray, 1988; Soubelet & Salthouse, 2011). Segundo Stöber (2001), é um facto estabelecido que sujeitos mais velhos obtêm pontuações mais elevadas na desejabilidade social, comparativamente a indivíduos mais jovens.

Ao nível da escolaridade, Andrews e Meyer (2003) referem a ausência de influência significativa desta variável na desejabilidade social, enquanto Heerwig e McCabe (2009), Johnson e Fendrich (2002), Ones, Viswesvaran, e Reiss (1996) e Ribas, Moura e Hutz (2004) registaram um decréscimo na desejabilidade social com o aumento da escolaridade. Os resultados dos estudos existentes sugerem que o *faking* e as capacidades mentais estão relacionados, não existindo consenso na direção dessa relação (Levashina, Morgeson, & Campion, 2009). Todavia, numa metanálise efetuada por Ones et al. (1996), a associação entre desejabilidade social e capacidades cognitivas foi insignificante.

1.1.1 Tipos de desejabilidade social

Os primeiros trabalhos sobre desejabilidade social reportavam apenas um fator (Paulhus & John, 1998; Jackson & Messick, 1958). Wiggins (1964, como citado em Paulhus & John, 1998), através de uma análise fatorial a todas as medidas de desejabilidade social disponíveis, nomeou duas formas distintas: *Alpha*, que define uma autoavaliação favorável vs desfavorável, e *Gamma*, denominado de fator de mentira (Holden & Passey, 2009). Wiggins (1964, como citado em Holden & Passey, 2009) reportou ainda outro fator associado à desejabilidade social: Boa impressão de si, Controlada e Cautelosa. Segundo Paulhus (1986), a principal distinção entre os dois primeiros fatores seria o nível de consciência, com o fator *Gamma* a ser associado a tentativas conscientes de se apresentar aos outros de forma positiva (Salgado, 1996).

Os recentes trabalhos na área da desejabilidade social têm enfatizado duas dimensões (Holden & Passey, 2009; Paulhus & Reid, 1991). Paulhus (1984) considera que os dois fatores relacionados com as respostas socialmente desejáveis enquadram: (1) uma autoapresentação honesta, mas abertamente positiva, que o autor denomina de *self-deceptive positivity* (autoengano), na medida em que o respondente sente que as suas respostas são efetivamente indicadoras da sua personalidade real (Gouveia, Guerra, Sousa, Santos, & Costa, 2009); e (2) uma autoapresentação direcionada para uma audiência, a *impression management* (manipulação da impressão). Ao longo de mais de 25 anos, estes resultados são recorrentemente referidos e utilizados por outros autores (e.g., Gouveia et al., 2009; Gudjonsson & Young, 2010; Helmes & Holden, 2003; Holden, 2007; Paulhus, 1991; Paulhus & Reid, 1991; Reeder & Ryan, 2012; Salgado, 1996; Soubelet & Salthouse, 2011; Zerbe & Paulhus, 1987).

Paulhus (1986) para além de distinguir *self-deception* de autoilusões, apresenta, apoiado nos trabalhos de outros autores, distinções para a *impression management*, enquanto: 1) estratégia de simulação (e.g., tática para atingir um determinado objetivo); 2) motivo (e.g., motivação para ser-se amado); e 3) competência (e.g., destreza/ habilidade social para impressionar os Outros).

Embora sejam muitas as denominações para a *impression management* (e.g., ajustamento extrovertido [McCrae & Costa, 1983]; evitamento de desaprovação social [Crowne & Marlowe, 1960]; atitude defensiva [Weinberger, Schwartz, & Davidson, 1979], hipocrisia moralística [Cattel, Pierson, & Finkbeiner, 1976, como citado em Paulhus, 1991]), Paulhus (1991) e Helmes e Holden (2003) defendem que a *impression management* engloba o propósito do indivíduo direcionar as suas respostas para uma imagem positiva de si, de forma a passar a ideia de uma pessoa confiável e socialmente convencional, sendo, portanto, mais consciente e intencional (Gudjonsson & Young, 2011)¹.

¹ Paulhus (1984) e Paulhus e Reid (1991) providenciaram suporte empírico para esta questão, contrastando resultados obtidos numa situação de teste anónima com resultados de uma condição de exposição pública. Sob a ameaça de exposição

Por ser turno, o *self-deceptive positivity* aparece mais intrinsecamente relacionado com constructos personalísticos, como o ajustamento (Paulhus, 1991), pois, como explica Hogan (1992), pessoas bem-ajustadas apresentam uma autoimagem positivamente enviesada, com tendência a ignorar críticas e defeitos, e com esperança em ter sucesso na maioria das tarefas, evitando pensamentos negativos (segundo o mesmo autor a *impression management* correlaciona-se negativamente com o ajustamento). O *self-deceptive positivity* surge igualmente relacionado com o otimismo (Scheier & Carver, 1985), elevada autoestima, o sentimento de capacidade global e o narcisismo (Gudjonsson & Young, 2011). Assim, segundo Salgado (1996), o autoengano surge como uma característica do funcionamento da personalidade, intrinsecamente associado ao modo como os sujeitos se organizam, revelando a tendência de acomodarem a informação de uma forma, habitualmente, positiva.

Saliente-se a ideia de que a *impression management* é passível de controlo sob certas condições, dado que é concetualmente independente do traço a avaliar, mas que ainda assim continua a contribuir para o resultado do autorrelato. Paulhus (2002) aponta que a *impression management* é resultado de várias fontes, sendo sensível a variáveis situacionais. Já o *self-deception* encontra-se intrinsecamente relacionado com a variância do conteúdo, pelo que não poderá ser controlado (Paulhus, 1991).

Damarin e Messick (1965, como citado em Messick, 1991) reportam igualmente dois fatores: referem-se ao primeiro fator como “*autistic biases in self-regard*”, que envolve uma atitude de distorção defensiva da própria imagem, com o objetivo de ser consistente com um viés global da autoimagem; enquanto denominam o segundo de “*deliberate bias in self-report*” ou “*propagandistic bias*”, na medida em que alude a uma tentativa pelo menos parcialmente deliberada para produzir uma imagem pretendida (Paulhus & Reid, 1991). Na mesma ordem de ideias, os trabalhos de Sackeim & Gur (e.g., Gur & Sackeim, 1979) reportam uma distinção entre *self-deception* – para os respondentes com autorrepresentações irrealisticamente positivas, que estão convencidos que os caracterizam - e *other-deception* – sujeitos que deliberadamente distorcem as suas auto-descrições para enganar a audiência.

Assim, podemos observar que vários estudos apontam para a existência de dois fatores de ordem superior, no que concerne à desejabilidade social, um que enfatiza mais o *self* e outro mais associado aos Outros.

Uma outra distinção poderá ser avançada, a saber: (1) imputação e reivindicação de atributos positivos para o *self* e (2) negação de atributos negativos respeitante a si próprio (Paulhus, 2002; Paulhus & Reid, 1991), denominados de *enhancement* e *denial* respectivamente. Roth, Snyder e Pace (1986) e Roth, Harris e Snyder (1988) distinguem a imputação e a negação

pública, a desejabilidade social teve um acréscimo significativo, mais marcado nas escalas que representam o segundo fator, o que sugere que o estilo de resposta a ele associado parece mais estratégico e mais sensível a condições situacionais (Gudjonsson & Young, 2011; Paulhus & Reid, 1991; Schmitt, 1994).

pelas estratégias (tática atributiva e tática repudiativa) para compreender a diferença entre a motivação para melhorar a autoimagem e a motivação para se autoprotger de ser associado a informação negativa. A respeito da primeira, Paulhus (1984) considera que parece consistir mais no exagero do sentimento de controlo e de confiança no poder do pensamento do próprio, quase um narcisismo cognitivo, pelo que mais do que reivindicar atributos positivos, estas serão as características centrais do constructo.

Paulhus e Reid (1991) demonstram que ambos, o conteúdo (*self-deception vs impression-management*) e a tática (*enhancement vs denial*), são relevantes na determinação da desejabilidade das respostas, pelo que o aprimoramento do *self (enhancement)* e a recusa de características negativas do *self (denial)* formariam um fator da consciente elaboração de uma boa impressão de si (*impression management*), enquanto os itens de uma visão positiva de si (*self-deception*) se repartiriam: o *denial self-deception* encontrar-se-ia mais próximo da elaboração consciente de uma boa impressão de si², e o *enhancement self-deception* constituiria outro fator mais relacionado com o ajustamento, o que vai ao encontro do referido por Helmes e Holden (2003), Paulhus (2002) e Paulhus e John (1998).

Taylor (1989, como citado em Paulhus & Reid, 1991) sugeriu algumas explicações sobre como uma ilusão positiva de si (o *ego-enhancement*) poderá ser eficaz para lidar com eventos negativos e promover o ajustamento³: em vez de se defender, o sujeito centra o *self* em qualidades positivas e enfatiza-as, neutralizando a ameaça. Outra possibilidade poderá consistir no facto de o indivíduo distorcer continuamente os eventos diários, a fim de construir uma autoestima positiva para, quando esta for suficientemente forte, poder atuar enquanto neutralizador do impacto de informação negativa.

Este processo (distinção entre *enhancement vs denial*) não é relevante na *impression management*, pela própria natureza do fator: os indivíduos que decidiram apresentar-se de forma favorável, calculam que resposta mais impressionará a audiência e selecionam-na, traduzindo um procedimento essencialmente estratégico e consciente (Paulhus & Reid, 1991).

Os resultados reportados por Paulhus e Reid (1991) permitem constatar a existência de um processo sequencial de autoapresentação na resposta a medidas de personalidade: se o modo de *impression management*

² Por ser um resultado intrigante, o comportamento de gestão consciente da impressão de si em itens relativos a uma recusa honesta de atributos negativos (*denial self-deception*) terá que ver com questões sensíveis da escala utilizada (e.g., medo da homossexualidade), que poderão ser embaraçosos de admitir. Enquanto os itens relativos à ênfase de qualidades positivas (*enhancement*) poderão ser ou não ser reivindicados, sem embaraço público.

³ No estudo de Paulhus e Reid (1991), contrariamente ao esperado, o *enhancement* foi superior ao *denial* na promoção do ajustamento. No entanto, ambos se correlacionaram estatisticamente com níveis distintos de empatia e negativamente com a ansiedade-traço. O *enhancement* correlacionou-se negativamente com o Neuroticismo e a Ansiedade Social e positivamente com a autoestima [Roth, Snyder & Pace (1986) referem que este é mais benéfico na manutenção da autoestima e juntamente com o *denial* promovem o evitamento da depressão]. A *impression management* também se correlacionou negativamente com a Ansiedade Social.

se encontra ativado, então irá assumir prioridade, com uma resposta que impressionará, ao máximo, a audiência (assim como o *denial*, devido ao constrangimento de um público). Em caso contrário, o indivíduo irá avaliar os itens como possíveis auto-descrições: o *enhancement* ou um processo mais defensivo irão ser invocados, conforme se trate de um item percebido como recompensa ou punição (Paulhus & Reid, 1991).

Face à pluralidade de operacionalizações para o conceito de desejabilidade social, Paulhus (2002) tentou, posteriormente, clarificar o constructo. Dos estudos desenvolvidos conclui que tanto o fator *Alpha* como o fator *Gamma* apresentam aspectos conscientes e inconscientes, contrariamente ao que havia defendido anteriormente. Associado ao fator *Alpha* estaria um viés egoístico e ao *Gamma* um viés moralístico (Paulhus & John, 1998), incorporados em dois níveis: processo (consciente vs. inconsciente) e conteúdo (*agency vs. communion*), perfazendo quatro tipos de desejabilidade social: 1) integrada no viés egoístico estaria a tendência para se autopercecionar de forma positiva e irreal, a nível social e intelectual (*self-deceptive enhancement*), cuja autopromoção, seria direcionada para a individualidade (*agency management*), e 2) ao nível do viés moralístico encontrar-se-ia a tendência para negar desvios sociais e para se apresentar enquanto um membro excepcional da sociedade (*self-deceptive denial*), cujo comportamento seria motivado por valores coletivos (*communion management*). Desta forma, Paulhus (2002) reúne evidências que suportam que o viés de resposta se distingue das dimensões de personalidade. Ademais, para o autor, a *impression-management* estaria mais relacionada com um *response set*, enquanto o *self-deception* estaria associada à definição de *response style*, pois a motivação para o enviesamento é mais dependente do traço.

1.1. 2. Avaliação da desejabilidade social

O processo de responder conforme o que é socialmente desejado constitui um tópico de interesse há décadas, sendo discutida pelos mais diversos autores (e.g., Crowne & Marlowe, 1960; Jiménez et al., 2009; Paulhus, 1991, 2002; Paunonen & LeBel, 2012).

É a partir do advento da avaliação estruturada/ não-projetiva que a temática começou a ser amplamente estudada, com Steinmetz (1932) a fazer referência a uma investigação dos anos 20, cujo processo implicava a instrução a estudantes de Stanford para que manipulassem as suas apresentações. Em 1928, Hartshorne e May desenvolveram uma escala de mentira para avaliar a desonestidade em crianças em idade escolar (Paulhus, 1991). Meehl e Hathaway (1946) já nos anos 40, referenciam oito medidas especificamente desenvolvidos para avaliação da desejabilidade social em autorrelatos. Nos anos 50 e 60, a desejabilidade social constituiu uma preocupação constante na mensuração da personalidade (Paulhus, 1991). Paulhus (2002) refere a escala L do MMPI (Hathaway & McKinley, 1943) e a escala L do EPI (Eysenck & Eysenck, 1964). A este respeito, Jackson e Messick (1962) publicam vários artigos em que estimam que uma

considerável porção da variância nas escalas do MMPI é atribuída à dimensão da desejabilidade social, enquanto Edwards e Walker (1961) verificaram que o mesmo instrumento poderia facilmente ser substituído por uma escala de desejabilidade social de 39 itens, dada a enorme saturação com variância devida à desejabilidade social. Tal permite verificar que uma das mais proeminentes e utilizadas medidas de personalidade daquele tempo poderá ser interpretada como refletindo estilos de resposta e não dimensões da personalidade (Holden & Passey, 2009). Segundo Paulhus (1991), em 1952, é criada a *CPI Good Impression (Gi) Scale*, por Gough, com o objetivo de mensurar o que as pessoas referem acerca de si quando tentam criar uma impressão extremamente favorável.

Para além de salientada ao nível da personalidade (e.g., Edwards, 1967b), a desejabilidade nas respostas passa a ser um tópico bastante abordado na mensuração das atitudes (e.g., Lenski & Leggett, 1960, como citado em Paulhus, 1991), relato de comportamentos (e.g., Goode & Hart, 1952, como citado em Paulhus, 1991) e no domínio da psicopatologia (McKinley, Hathaway & Meehl, 1948).

Nesta altura, recorrendo a um grupo de indivíduos treinados para responder ao MMPI de forma a parecer socialmente desejável e um outro grupo instruído para responder honestamente (Jiménez et al., 2009), foi desenvolvida a *Wiggins' Social Desirability Scale* (Wsd; Wiggins, 1959). Entretanto foi desenvolvida a *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960), com o propósito de evitar ambiguidades do modelo do desvio estatístico, que, segundo os autores, conduziu a que itens das escalas do MMPI e da *Edwards Scale of Social Desirability* (ESDS; Edwards, 1957) (construída com base no MMPI) não permitissem medidas adequadas de desejabilidade social, pois teriam conotações patológicas (e.g., admissão/ negação de sintomas de mau ajustamento). Assim sendo, o conjunto de itens escolhido pelos autores versou comportamentos sancionados culturalmente e outros aprovados, mas cuja probabilidade de ocorrência era reduzida (Crowne & Marlowe, 1960). De forma a estender os avanços do estudo da desejabilidade social às crianças, Crandall, Crandall, e Katrovsky (1965) desenvolveram o *Children's Social Desirability Questionnaire* (CSD).

Para avaliação do autoengano é desenvolvido o *Self-Deception Questionnaire* (SDQ; Sackeim & Gur, 1978), cujas questões versam sobre pensamentos pouco corretos psicologicamente e sentimentos que são universalmente assumidos, mas negados pelos autoenganadores (Zerbe & Paulhus, 1987). Na mesma altura, de forma a avaliar a *impression-management*, os mesmos autores apresentaram o *Other Deception Questionnaire* (ODQ; Sackeim & Gur, 1978), cujos itens remetem para o grau em que os respondentes apresentam comportamentos desejáveis mas estatisticamente pouco frequentes, e comportamentos não desejáveis, mas habituais (Zerbe & Paulhus, 1987). No mesmo ano é apresentada a *Responding Desirable on Attitudes and Opinions* (RD-16; Schuessler, Hittle, & Cardascia, 1978), especialmente construída para detetar desejabilidade social nas atitudes e opiniões da população geral (Paulhus, 1991).

Jiménez et al. (2009) referem que, no decorrer dos anos 80, com o MMPI-2 (Hathaway et al., 1989) foi criada uma segunda geração de escalas para deteção de distorções nas respostas, já que este instrumento inclui escalas de validade capazes de detetar exagero ou minimização de psicopatologia, nos mais diversos contextos. Especificando, omitir repostas aos itens da prova é frequentemente observado em contextos forenses, enquanto uma estratégia que o avaliado utiliza para ter controlo sobre o teste (Pope, Butcher, & Seelen 2006). Um estilo defensivo poderá ser igualmente detetado pela elevação da escala L - com os respondentes a afirmarem graus elevados de virtude e negação/ minimização de falhas, apresentando uma visão irrealisticamente favorável de si; da escala K - funcionando enquanto indicador da tendência para apresentar um autorrelato socialmente favorável; e da escala *Superlative Self-Presentation* (S, Butcher & Han, 1995) – em que resultados elevados mostram que o indivíduo respondeu de forma a apresentar atributos positivos e raros problemas (Pope et al., 2006). Nichols (2011), para avaliação da validade do protocolo, apresenta ainda, ao nível do *underreporting*, as seguintes escalas: *Socioeconomic Status* (Ss, Nelson, 1952), *Positive Malinger* (Mp, Cofer, Chance, & Judson, 1949) e *Social Desirability* (Sd, Wiggins, 1959).

Holden e Passey (2009) referem como novo advento fundamental na temática da desejabilidade social, a ascendência do Modelo *The Big Five* - cujos fatores são: (I) Extroversão; (II) Amabilidade; (III) Conscienciosidade; (IV) Neuroticismo) e (V) Cultura (Goldberg, 1990), ou, em alternativa, (V) Abertura à Experiência, utilizando a designação de McCrae e Costa (1987) em contextos organizacionais, no âmbito da avaliação psicológica da personalidade dos candidatos.

Nesta sequência, Holden e Passey (2009) referem a *The Personality Research Form (Form E) Desirability Scale*, uma escala de 16 itens, datada de 1984, cujo autor é Jackson. Em 1986, Roth, Snyder e Pace desenvolveram a *Self-Presentation Scale* (SPS), com 60 itens, desenhada para averiguar se a autoapresentação favorável de si difere consoante as dimensões da audiência e da tática. Holden e Passey (2009) referem o *The Balanced Inventory of Desirable Responding Self-Deceptive Enhancement Scale*⁴ (BIDR-7; Paulhus, 1998), que se foca no enviesamento inconsciente associado a uma falta de *insight* e a uma confiança narcísica e o *The Balanced Inventory of Desirable Responding (Version 7) Impression-Management Scale* (BIDR-7; Paulhus, 1998) desenhado para medir *faking*, mentira e dissimulação (Holden & Passey, 2009). Entretanto, defendendo alguma desatualização dos conteúdos da MCSDS, Stöber decidiu construir uma escala mais atualizada, *The Social Desirability Scale-17* (SDS-17; Stöber, 1999; 2001), para medir a desejabilidade social, em sujeitos dos 18 aos 80 anos (Stöber, 2001).

Não obstante a desejabilidade social ser um tópico altamente discutido há vários anos, ainda carecem estudos teóricos e empíricos no sentido de poder corroborar ou não se a desejabilidade social é parte do constructo

⁴ Os primeiros desenvolvimentos do BIDR foram realizados em 1984 (cf. Paulhus, 1984).

medido ou se, por outro lado, é uma interferência na medida (contaminando e ameaçando a validade de constructo) (Helmes & Holden, 2003; Holden & Passey, 2009; Paulhus, 1991; Schermer & MacDougall, 2013; Soubelet & Salthouse, 2011) ou uma combinação dos dois (Paunonen & LeBel, 2012). A forma como a desejabilidade social se relaciona com outras variáveis da personalidade não produz uma resposta linear, sendo um tema onde o consenso não existe. Estas dificuldades continuam a subsistir devido ao facto de o constructo não ser teoricamente livre de discussão (Holden & Passey, 2009).

Relativamente ao segundo ponto, a desejabilidade social poderá ser vista como uma variável supressora ou mediadora entre a personalidade (preditor) e o critério, sendo utilizados vários métodos para corrigir essa distorção (Reeder & Ryan, 2012). Segundo os mesmos autores, a discussão poderá ainda assentar noutro ponto: as escalas de desejabilidade social partilham variância com traços de personalidade, em vez de medirem distorção nas respostas como um todo. Assim, McCrae e Costa (1983), Ones et al. (1996) e Smith e Ellingson (2002), reforçam a ideia das falhas empíricas e conceituais das escalas de desejabilidade social, já que com a eliminação dos efeitos da distorção intencional das respostas, as correções para a desejabilidade social deveriam produzir pontuações com maior validade de constructo e, conseqüentemente, melhores descrições de traços de personalidade, o que não é observado (McCrae & Costa, 1983)⁵. Como tal, as escalas de desejabilidade social não seriam um bom método para detetar ou corrigir *faking* na personalidade (MacCann et al, 2012). Todavia, Paulhus (1991) refere que o uso primário destas escalas era avaliar precisamente diferenças individuais consistentes (estilos de resposta) e o mesmo autor, em 2002, reúne evidência de que o viés de resposta se separa do conteúdo das dimensões da personalidade, apoiado pelos estudos de Holden e Passey (2010) e Ziegler e Buehner (2009).

Holden e Passey (2009) chamam ainda a atenção para a questão de que, se a desejabilidade social for encarada enquanto uma faceta legítima de diversos constructos, pautados por diferenças individuais (e.g., realização pessoal, afiliação, amabilidade) e se a não desejabilidade social consiste também num componente legítimo de certas variáveis pessoais (e.g., depressão, desespero, impulsividade e psicopatia), então tais constructos não são conceitualmente distintos e, por conseguinte, não poderão ser teorizados, medidos, analisados e interpretados enquanto tal.

II - Objetivos

A presente investigação pretende validar um instrumento de avaliação da desejabilidade social, assim como estabelecer os valores médios das

⁵ Nestes estudos, as escalas de desejabilidade social encontram-se correlacionadas com escalas que medem o modelo *The Big Five*; a correlação é negativa com o Neuroticismo e positiva com a Extroversão, o que indica que as escalas de desejabilidade social estão a medir diferenças individuais importantes nos constructos da personalidade (Smith & Ellingson, 2002).

respostas numa amostra da população geral, funcionando como referências para a avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia parental - contexto em que a motivação para distorcer autorrelatos no sentido de exagerar uma autoimagem positiva aparece como uma questão frequente na literatura (Bagby, Nicholson, Buis, Radovanovic, & Fidler, 1999; Bathurst et al., 1997; Carr et al., 2005; Tobin et al., 2011) e na prática clínica. Por conseguinte, a informação que o psicólogo tem ao seu dispor é muitas vezes suspeita e pouco fiável (Pope et al., 2006)⁶. Para além de um estilo de resposta extremamente defensivo (Archer, Hagan, Mason, Handel, & Archer, 2012; Tobin, Seals, & Vincent, 2011) ou uma autoapresentação abertamente positiva e favorável de si (Bathurst et al., 1997; Carr, et al., 2005; Tobin, et al., 2011), os progenitores envolvidos em disputa de custódia e determinação da capacidade/ competência parental tendem a afirmar ausência de problemas em si próprios (Archer et al., 2012; Bathurst et al., 1997) e a exagerar a qualidade das suas relações com os filhos (Carr et al., 2005; Gould et al., 2009), ao mesmo tempo que fornecem informações extremamente negativas acerca do outro progenitor (Pope et al., 2006). Segundo Tobin, Seals e Vincent (2011), usando a distinção feita por Paulhus (1984) no que toca aos tipos de desejabilidade social, os progenitores apresentam uma tendência para se apresentarem de uma forma positiva e ajustada psicologicamente, sendo a tentativa instrumental de deturpar a sua autoimagem (*impression-management*) perante uma audiência específica, a faceta que parece ser mais sensível ao tipo de pressão exercida em contexto de avaliação de custódia parental.

Posto isto, e apesar de a MCSDS (Crowne & Marlowe, 1960) continuar a ser a medida mais utilizada e estudada para avaliação da desejabilidade social (e.g., nomeadamente em contexto de investigação)⁷ (Barger, 2002; May, Leite, & Beretvas, 2005; Oliveira, 2004; Nederhof, 1985) e de Andrews e Meyer (2003) defenderem o seu uso com confiança em contexto forense e de Seol (2007) sugerir a escala como medida de desejabilidade social robusta⁸, persiste a necessidade de construir um instrumento, a partir da experiência de avaliação na área da custódia parental. É neste âmbito que se insere a presente investigação, cujo objetivo

⁶ A APA (2010) realça mesmo que os psicólogos devem desencadear esforços no sentido de interpretar os dados recolhidos da avaliação de uma forma consistente com o seu âmbito, já que o contexto de custódia poderá afetar as perceções e comportamentos dos avaliados - por exemplo, a literatura tem demonstrado que os progenitores envolvidos nestas questões apresentam elevações em determinadas escalas (e.g., Archer et al., 2012; Bathurst et al., 1997) e, por conseguinte, influenciar a validade dos resultados obtidos, circunstâncias que aumentam o potencial de conclusões erróneas, opiniões mal fundadas e recomendações enganosas.

⁷ Segundo Scagliusi et al. (2004), a MCSDS foi traduzida e aplicada em diferentes culturas, tendo inclusivamente versões em chinês, hindu e alemão. Em Portugal, podemos citar os estudos de Barros, Moreira e Oliveira (2005), Oliveira (2004), Poínhos et al. (2008) e Silvestre (2011).

⁸ Todavia, a escala não tem sido livre de críticas (e.g., McCrae e Costa, 1983; Oliveira, 2004; Stöber, 2001), nomeadamente ao nível do constructo avaliado, da estrutura fatorial subjacente, da sua dimensionalidade e da atualização do conteúdo.

central consiste na validação da Escala de Desejabilidade Social (DESCA), junto de uma amostra da população geral, procurando-se apurar as qualidades psicométricas a nível da fiabilidade e validade, bem como estabelecer os dados descritivos, de tendência central e de dispersão, para servirem de referência na utilização em contexto forense.

Procurou-se examinar igualmente a possível influência de algumas variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade) na desejabilidade social.

III - Metodologia

3.1 Amostra

A amostra foi recolhida pelo método de amostragem não probabilística (amostragem de conveniência), cujo único critério previamente estabelecido assentou na faixa etária dos participantes ser compreendida entre os 18 e os 55 anos ($M = 31.16$; $DP = 11.967$), sendo a maioria ($n = 106$; 46.3%) pertencente à faixa etária mais nova (18-24 anos). Os participantes dos 35 aos 44 anos são os que surgem com menor percentagem (14%; $n = 32$).

A amostra é constituída na sua totalidade por 229 participantes da população geral, 142 (62%) indivíduos do sexo feminino e 87 (38%) do sexo masculino, residentes em Portugal Continental, pertencentes a 12 distritos do país, sendo que grande parte da amostra ($n = 99$; 43.2%) reside em Coimbra (Tabela 1). Os sujeitos são maioritariamente solteiros ($n = 145$; 63.3%) e sem filhos ($n = 141$; 61.6%). No que diz respeito ao nível de escolaridade, 28.4% ($n = 65$) dos participantes têm ou frequentam o ensino superior contrastando com os 3.9%, cuja escolaridade corresponde ao 1º Ciclo ($n = 9$). Relativamente à atividade profissional, grande parte da amostra ($n = 91$; 39.7%) é constituída por Estudantes, seguidos do grupo de Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas e do grupo de Pessoal dos Serviços e Vendedores⁹ (ambos contribuindo com uma percentagem de 8.3 na amostra; $n = 19$).

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra

Variáveis		<i>n</i>	%	<i>M</i> (<i>DP</i>)	Amplitude
Sexo	Feminino	142	62.0		
	Masculino	87	38.0		
Idade	18-24	106	46.3	31.16 (11.967)	18-55
	25-34	43	18.8		
	35-44	32	14		
	45-55	48	21		
Estado Civil	Solteiro	145	63.3		
	Casado	71	31.0		
	Viúvo	2	0.9		

⁹ Segundo a Classificação Nacional das Profissões (CNP).

	Divorciado	9	3.9
	Recasado	1	0.4
Filhos	Não	141	61.6
	Sim	88	38.4
Nível de escolaridade	1º Ciclo	9	3.9
	2º Ciclo	15	6.6
	3º Ciclo	39	17.0
	Ensino Secundário	100	43.7
	Ensino Superior	65	28.4
Atividade Profissional	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Outros Superiores de Empresa	2	0.9
	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	19	8.3
	Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	17	7.4
	Pessoal Administrativo e Similares	11	4.8
	Pessoal dos Serviços e Vendedores	19	8.3
	Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	1	0.4
	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	17	7.4
	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	6	2.6
	Trabalhadores Não Qualificados	6	2.6
	Estudantes	91	39.7
	Auxiliares	14	6.1
	Desempregados	16	7.0
	Reformados	1	0.4
Domésticas	9	3.9	
Local de Residência	Aveiro	58	25.3
	Braga	36	15.7
	Coimbra	99	43.2
	Évora	5	2.2
	Faro	2	0.9
	Guarda	1	0.4
	Leiria	1	0.4

Lisboa	7	3.1
Portalegre	1	0.4
Porto	5	2.2
Santarém	2	0.9
Viseu	8	3.5

3.2 Instrumentos

Para a realização deste estudo organizou-se um protocolo que incluiu quatro escalas de autorresposta e o subteste (verbal) Compreensão da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III, Wechsler, 1997, 2008), precedidos de um questionário sociodemográfico de caracterização da amostra. Os questionários foram aplicados pela ordem pela qual são descritos.

3.2.1 Questionário sociodemográfico

Este questionário pretende a recolha da seguinte informação: idade, género, atividade profissional, nível de escolaridade, estado civil, indicação de ter/ não ter filhos e local de residência.

3.2.2 Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck & Barrett, 1985; Almiro & Simões, 2012)

O Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R) foi construído por S. Eysenck, H. Eysenck e Barrett, em 1985, com o objetivo de ultrapassar as limitações assinaladas na anterior escala de mensuração do Psicoticismo. O EPQ-R avalia três fatores/ dimensões fundamentais da personalidade – Modelo P-E-N: Psicoticismo (P), Extroversão (E) e Neuroticismo (N) (Almiro & Simões, 2011).

A versão portuguesa do EPQ-R (EPQ-R; Almiro & Simões, 2012) contém 78 itens, 70 dos quais distribuídos por quatro escalas: a P com 9 itens, a E com 20 itens, a N com 23 itens, e uma escala de mentira/ desejabilidade social, a escala L (*Lie*), com 18 itens. Cada uma das 78 questões relativas ao modo “habitual de ser, pensar e sentir” poderá ser respondida tendo como opção de resposta extrema “Sim” ou “Não”, codificadas com 1 ponto se a resposta segue uma orientação no sentido da escala avaliada, ou 0 pontos, caso a resposta contrarie essa tendência. Inclui itens com cotação em sentido reverso.

Os estudos originais incidiram numa amostra inglesa ($N = 902$; sendo 408 sujeitos do sexo masculino e 494 do sexo feminino) tendo sido extraídos quatro fatores (P, E, N e L), com índices de consistência interna, na amostra dos homens, de .78 para a escala P, .90 para a escala E, .88 para a escala N e .82 para a escala L. Nas mulheres, os valores de consistência interna foram .76 para a escala P, .85 para a escala E e N e .79 para a escala L (Eysenck, & Barrett, 1985).

As positivas propriedades psicométricas do questionário são consistentes nos estudos realizados por todo o mundo, quer ao nível da

estrutura fatorial, quer ao nível da precisão (Almiro & Simões, 2011). Na versão espanhola do EPQ-R (Ortet, Ibánes, Moro, Silva, & Boyle, 1999) ($N = 1110$, 527 homens e 583 mulheres), os coeficientes alfa atingiram .73 para P, .82 para E, .86 para N e .76 para L nos homens, e .71 para P, .80 para E, .86 para N e .77 para L nas mulheres. Na versão alemã (Ruch, 1999, como citado em Almiro & Simões, 2008) ($N = 602$) foram obtidos coeficientes de alfa de .81 em P, .87 em E, .85 em N e .81 em L. Na versão italiana (San Martini, Mazzotti, & Setaro, 1996) ($N=553$, 225 homens e 328 mulheres), os alfas de Cronbach foram de .80 para P, .82 para E, .82 para N e .73 para L nos homens, e de .70 para P, .81 para E, .83 para N e .81 para L nas mulheres.

No estudo efetuado em Portugal (Almiro & Simões, 2008), cuja versão integra 59 itens, tendo sido construída com base na versão inglesa, espanhola, alemã e na versão portuguesa do EPQ (Fonseca, S. Eysenck, & A. Simões, 1991), aplicada a uma amostra de 450 sujeitos (92 homens e 358 mulheres), surgiu igualmente uma estrutura de quatro fatores, com os seguintes valores de consistência interna: .64 para P, .82 para E, .88 para N, .75 para L¹⁰. Os resultados apresentados por Almiro e Simões (2011) sugerem igualmente qualidades psicométricas sólidas ao nível da validade concorrente.

No presente estudo, os valores da consistência interna obtidos (alfa de Cronbach) foram .881 para a escala N; .824 para a escala E; e .813 para a escala L, sendo considerados valores bons por Pestana e Gageiro (2003); na escala P o valor de consistência interna obtido foi .638, considerado um valor de consistência interna fraca, segundo os mesmos autores.

3.2.3 Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2010)

A *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; adapt. port. Simões, Almiro, & Sousa, 2010) é um inventário para avaliação da deseabilidade social, composto por 33 itens associados à ideia de aprovação social e sem conotações de caráter psicopatológico. Cada uma das afirmações, relativas a comportamentos do quotidiano, tem como opção de resposta “Verdadeiro” ou “Falso”. Em 18 dos itens, caso a afirmação seja assinalada com “Verdadeiro, a pontuação a ser atribuída é 1 ponto, correspondendo a comportamentos socialmente desejáveis mas pouco frequentes; os restantes 15 itens são pontuados com 1 ponto se a afirmação for respondida com “Falso”, indicando comportamentos comuns mas socialmente indesejados. A pontuação total pode variar entre 0 e 33, sendo que valores superiores a 17 indicam um "forte desejo de aceitação social" (cf. Scagliusi et al., 2004, p. 276).

O estudo original (Crowne & Marlowe, 1960) reporta níveis de consistência interna de .88 ($N = 39$, 10 homens e 29 mulheres, alunos de Psicologia da *Ohio State University*), com um índice de estabilidade

¹⁰ Apenas se encontram disponíveis, para a versão portuguesa do EPQ-R, os dados da versão experimental, pois a versão final encontra-se *in press*.

temporal de .89. Entre os estudos na população portuguesa, Barros, Moreira, e Oliveira (2005) encontraram valores para a consistência interna de .64 ($N = 483$ estudantes, 127 homens e 67 mulheres); Poínhos et al. (2008) ($N = 67$ mulheres que frequentavam consulta de Nutrição) obtiveram um alfa de Cronbach de .65; e Silvestre (2011) reporta níveis de consistência interna de .71 ($N = 219$, adolescentes de escolas da comunidade) e de .75 ($N = 153$, jovens de centros educativos). A MCSDS tem apresentado, na literatura relevante na área, resultados a nível da consistência interna que variam entre .72 e .85 (Barger, 2002; Loo & Loewen, 2004; Loo & Thorpe, 2000; Tatman, Swogger, Love, & Cook, 2009; Reynolds, 1982; Ribas et al, 2004). Silvestre (2011) referencia um valor máximo de consistência interna de .96 para a MCSDS, defendendo a robustez da escala nos diversos estudos.

Embora a MCSDS assuma que a desejabilidade social representa um único constructo latente (Leite & Beretvas, 2005), as questões relativas à dimensionalidade do instrumento não são consensuais; por exemplo, Barger (2002) e Leite e Beretvas (2005) apontam para a natureza multidimensional da escala.

No presente estudo, o valor de consistência interna encontrado para a MCSDS foi muito bom, de acordo com Pestana e Gageiro (2003), com um valor de alfa de Cronbach de .926.

3.2.4 Escala de Desejabilidade Social (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012)¹¹

A Escala de Desejabilidade Social (DESCA) foi construída por Alberto, Oliveira e Fonseca, em 2012, para avaliar a desejabilidade social, tentando responder a uma necessidade sentida no contexto de avaliação na área da custódia parental. A primeira etapa da construção da DESCa consistiu na realização de pesquisas bibliográficas, procedendo-se a uma leitura sobre a temática da desejabilidade social. Além disso, partiu-se da experiência clínica de avaliação forense na área do exercício da parentalidade e da custódia. Procedeu-se ainda a uma análise dos itens de instrumentos utilizados na avaliação da desejabilidade social, a saber: escala L de Mentira/ Desejabilidade Social do Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck, & Barrett, 1985; adapt. port. Almiro & Simões, 2012); *The Social Desirability Scale-17* (SDS-17; Stöber, 1999, 2001); e *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; adapt. bras. Ribas, Moura, & Hutz, 2004; adapt. port. Simões, Almiro, & Sousa, 2010). Na construção dos itens da DESCa procedeu-se de forma a não haver repetição de itens de escalas já existentes.

A primeira versão da DESCa ficou constituída por 21 itens, de acordo com um objetivo de construir uma escala simples e pequena, sem redundâncias, que permitisse uma compreensão fácil, atentando as recomendações de Freire e Almeida (2001). O formato dos itens da prova, que pressupõe que o indivíduo se posicione numa escala de *Likert* de quatro

¹¹ Cf. Anexo A.

pontos, foi pensado para evitar a possibilidade de uma escapatória central e respostas de não compromisso. A versão final da DESCA é constituída por 15 itens cotados de 1 a 4, através de uma escala *Likert* (1="Discordo completamente" a 4="Concordo completamente").

3.2.5 Escala de Avaliação da Empatia (ESEMP; Alberto, Nóbrega, & Fonseca, 2012)

A Escala de Avaliação da Empatia (ESEMP) foi construída por Alberto, Nóbrega e Fonseca, em 2012, desenhada para avaliação da empatia. A versão de estudo (portanto, a versão administrada à amostra do presente trabalho) é constituída por 59 itens cotados de 1 a 4, através de uma escala *Likert* (1="Discordo completamente" a 4="Concordo completamente"), encontrando-se, igualmente no âmbito de uma Tese de Mestrado, a serem efetuados estudos de validação para a escala (a versão final da escala ficou constituída por 36 itens).

3.2.6 Subteste Compreensão da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III, Wechsler, 1997, 2008)

O subteste verbal Compreensão da WAIS-III consiste num conjunto de questões apresentadas oralmente, que se encontram relacionadas com a compreensão de regras e conceitos sociais, assim como com a resolução de problemas quotidianos.

No nosso estudo, o valor de *alfa* de Cronbach encontrado para o subteste foi razoável ($\alpha = .790$), de acordo com Pestana e Gageiro (2003).

3.3 Procedimentos

Após a apresentação da pesquisa e do protocolo, e prestados os esclarecimentos necessários sobre a investigação em causa e os procedimentos, foi solicitada colaboração a cada um dos participantes, informando que se tratava de uma investigação científica, cuja participação seria voluntária, confidencial e anónima. Depois de dado o consentimento informado por parte dos participantes, foi solicitado o preenchimento do protocolo de investigação e a resposta oral às questões colocadas do subteste verbal Compreensão da WAIS-III.

Os estudos de validação da DESCA foram realizadas análises estatísticas com recurso à versão 20.0 para *Windows* do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

IV – Apresentação e Discussão de Resultados

4.1 Estudos de Precisão

A primeira versão da DESCA incluía 21 itens, cuja consistência interna apresentava um valor “fraco” (Pestana & Gageiro, 2003), determinada pelo coeficiente alfa de Cronbach ($\alpha = .677$; $N = 228$) (Tabela B1 e B2, Anexo). Procedendo-se à análise dos itens para depuração dos mesmos, tendo em conta os menores índices de correlação com o total da escala e a sua influência no valor de consistência interna da escala, obteve-se um conjunto de 15 itens que registavam um valor de alfa de Cronbach de .757 ($N = 228$), indicador de uma razoável consistência interna (Pestana & Gageiro, 2003), com uma média de 35.31 ($DP = 5.417$) para o total da escala (Tabela 2).

Tabela 2. Síntese das características psicométricas da DESCA (15 itens)

<i>M</i>	<i>DP</i>	α	Amplitude _a
35.31	5.417	.757	15 - 60

Nota. Amplitude = pontuação mínima possível – pontuação máxima possível

Na análise da relação existente entre cada item e a escala total (Tabela C1, Anexo), a maioria dos itens regista uma correlação com o total da escala acima dos .300 (Pallant, 2005; Silvestre, 2011), excetuando os itens 1 ($r = .226$), 10 ($r = .234$), 12 ($r = -.243$) e 13 ($r = .280$). A consistência do instrumento aumentaria ligeiramente se o item 12 fosse removido. Contudo, optou-se pela manutenção destes itens, considerando que a qualidade da escala ao nível da consistência interna melhorava pouco se fossem eliminados e porque os itens em causa continham informação que importava manter. Destaca-se o item 14 (“É importante que as outras pessoas gostem todas de mim”) pela maior correlação ($r = .608$) que revela com os valores totais da escala. O valor menor de correlação com o total da escala ($r = .226$) pertence ao item 1 (“Tento perceber o que agrada às pessoas com quem me relaciono para corresponder ao que esperam de mim”), que manteria o valor da consistência interna igual, caso fosse eliminado.

Analisando as principais estatísticas descritivas relacionadas com os itens da escala (Tabela C3, Anexo), constata-se que as médias variam entre 1.68 ($DP = .676$, no item 9 – “Não dou a minha opinião quando ela é diferente da das outras pessoas, com medo que gostem menos de mim”) e 2.98 ($DP = .791$, no item 1 – “Tento perceber o que agrada às pessoas com quem me relaciono para corresponder ao que esperam de mim”) apresentando maior número de respostas no sentido da desejabilidade social. Os itens que registam maior homogeneidade para responder de forma socialmente desejável foram o item 1, o item 4 - “Tenho medo de não responder ao que os outros esperam de mim” - ($M = 2.75$, $DP = .770$), 10 - “Sou simpático com toda a gente” - ($M = 2.77$, $DP = .765$) e 12 - “Há pessoas com as quais não consigo ser simpático” - ($M = 2.78$, $DP = .671$).

Atentando no valor de média para o resultado total da DESCA, verifica-se que os participantes da amostra não pontuaram respostas muito

extremadas (pontuação máxima possível = 60, pontuação mínima possível = 15), o que é comprovado pela média aritmética ($M = 2.35$) das respostas aos 15 itens da escala. Tais resultados parecem apontar para um menor compromisso nas respostas por parte dos participantes, optando por se posicionar nos níveis intermédios (2 e 3) da escala de quatro pontos de tipo *Likert*, ainda que aquando da construção desta escala o nosso intento tenha sido precisamente evitar a possibilidade de uma escapatória central e respostas de não compromisso. A motivação subjacente a uma resposta socialmente desejável foi discutida por Marlowe e Crowne (1961) que reuniram, pela primeira vez, suporte empírico para a desejabilidade social em termos motivacionais, associada a uma necessidade de aprovação social. Considerando a estabilidade temporal, medida pelo coeficiente de correlação teste-reteste, para um intervalo de um mês entre as aplicações ($n = 78$), a DESCA apresenta um valor positivo estatisticamente significativo e elevado (Cohen, 1988), ($r = .749$; $p < .001$) (Tabela C4, Anexo). O valor encontrado aproxima-se bastante do sugerido (.80) por Smith e Archer (2008), revelando níveis de estabilidade temporal satisfatórios.

4.2. Estudos de Validade

Para o estudo de **validade de constructo** do instrumento recorreu-se à Análise Fatorial Exploratória, com extração dos fatores pelo método das componentes principais (ACP) seguida de rotação *Varimax*, uma vez que o tamanho da amostra permite realizar esta análise, de acordo com Hill e Hill (2000) (n itens vezes 10, que implica uma amostra mínima de 150 sujeitos).

Perante a necessidade de adequação dos dados da amostra à aplicação da análise fatorial, procedeu-se ao cálculo do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett (Tabela C5, Anexo). Segundo Pestana e Gageiro (2003), o coeficiente obtido, $KMO = .824$, mostra que existe uma correlação “boa” entre as variáveis e, portanto, todas podem ser utilizadas (Maroco, 2007), sugerindo que as componentes extraídas explicam uma quantidade relevante da variância dos resultados, apresentando um bom índice de adequação da amostra. O teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (105) = 894.798$), associado a um nível de significância de .000, assume a existência de correlações estatisticamente significativas entre as variáveis que integram a matriz fatorial, pelo que a matriz das intercorrelações dos 15 itens que compõem a DESCA é significativamente diferente de uma matriz de identidade. A informação que provém dos cálculos efetuados permite validar a utilização do procedimento estatístico adotado.

Os fatores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *Scree Plot*, assente no critério de Cattell, (Figura C1, Anexo) e a percentagem de variância retida¹². Na tabela C6 (Anexo), observa-se que a rotação dos 15 itens da DESCA

¹² Segundo Maroco (2007), a opção por um critério único poderá conduzir à retenção de mais ou menos fatores do que os efetivamente relevantes para descrever a estrutura latente.

convergiu em 3 fatores, que explicam 51,476% da variância para a amostra utilizada, o que nos leva a concluir que grande parte dos itens da escala funcionam adequadamente para a avaliação deste constructo “*desejabilidade social*”, embora 4 itens apresentem uma correlação com o total da escala abaixo de .300 (limiar psicométrico considerado aceitável [Pallant, 2005; Silvestre, 2011]) (ver Tabela C1, Anexo). A estrutura de três fatores não é convergente com a solução de 2 fatores apontada por Wiggins (1964, como citado em Paulhus & John, 1998) e suportada por Paulhus (1984). No entanto, destaque-se que três fatores associados à desejabilidade social foram igualmente encontrados por Helmes e Holden (2003) numa estrutura tridimensional que explicava 52.7% da variância.

Na estrutura fatorial obtida, o fator 1 é composto por 6 itens (Tabela 3), explicando 19,475% da variância, com um valor média de 11.77 ($DP = 3.105$), sendo a pontuação máxima possível 24 e a mínima 6 (Tabela 4). Agrega itens que apontam para uma necessidade de aprovação social, remetendo para afirmações que descrevem os indivíduos como pessoas que agem conforme o que julgam que a sociedade/ cultura (os Outros) considera mais correto e adequado. Assim, o fator ficou com a designação de “*busca de aprovação social*” (BAS), tendo por base os trabalhos de Crowne e Marlowe (1960, 1961). Todavia, enquanto nos itens da MCSDS quanto maior for a pontuação na prova, maior o número de afirmações em que o respondente afirma ter comportamentos socialmente desejáveis mas pouco frequentes e nega apresentar comportamentos comuns mas socialmente indesejados, os itens da DESCA indicam que, quanto maior for a pontuação, mais a pessoa admitiu agir conforme o que a sociedade espera de si, indicando uma forte necessidade/ desejo de aceitação social (Crowne & Marlowe, 1960; Scagliusi et al., 2004). Neste fator, obteve-se um coeficiente alfa de Cronbach de .799, traduzindo uma razoável consistência interna (Pestana & Gageiro, 2003). Tendo em conta os valores mais elevados de correlação item-total (Tabela D1, Anexo), verifica-se que é o item 11 (“Para mim é mais importante que os outros gostem de mim do que defender o que penso”) que apresenta uma maior correlação com o total do fator 1 ($r = .612$). A correlação item-total de valor mais reduzido ($r = .479$) pertence ao item 15 (“Tento não dizer às pessoas coisas que as deixam magoadas ou tristes, para não perder a sua amizade”). Todos os itens registam uma correlação acima dos .300 (Pallant, 2005; Silvestre, 2011) com o total da subescala. Tendo em conta os valores das médias aritméticas dos itens (Tabela D2, Anexo), os sujeitos deram menos respostas com tendência para obter aprovação social ao item 9 (“Não dou a minha opinião quando ela é diferente da das outras pessoas, com medo que gostem menos de mim”), que apresenta um valor médio mínimo de 1,69 ($DP = .680$), sendo o valor médio mais elevado de 2,44 ($DP = .768$) (item 15 – “Tento não dizer às pessoas coisas que as deixem magoadas ou tristes, para não perder a sua amizade”).

Tabela 3. Itens constituintes do Fator 1 - Busca de Aprovação Social (BAS)

Itens	
6	Tenho cuidado em não contrariar as outras pessoas para que continuem a gostar de mim
7	Mostro emoções que nem sempre sinto para ser aceite pelos outros
9	Não dou a minha opinião quando ela é diferente da das outras pessoas, com medo que gostem menos de mim
11	Para mim é mais importante que os outros gostem de mim do que defender o que penso
14	É importante que as outras pessoas gostem todas de mim
15	Tento não dizer às pessoas coisas que as deixem magoadas ou tristes, para não perder a sua amizade

Tabela 4. Síntese das características psicométricas – Fator 1 (6 itens)

<i>M</i>	σ^2	<i>DP</i>	α	Amplitude _a
11.77	9.641	3.105	.799	6 - 24

Nota. Amplitude = pontuação mínima possível – pontuação máxima possível

O segundo fator, com 5 itens, explica 18.138% da variância, apresentando uma consistência interna razoável ($\alpha = .767$) (Pestana & Gageiro, 2003). Os 5 itens avaliam a tendência dos sujeitos para se apresentarem de modo exageradamente positivo, transmitindo uma imagem favorável de si exagerada e irrealista, daí ter sido intitulado de “*gestão da imagem social*” (GIS), com o respondente a demonstrar uma atitude deliberada para se autopromover. Tais aspetos são evidenciados por Paulhus (1984), Doron e Parot (2001) e Paunonen e LeBel (2012), ou por Holden e Passey (2009) e Fleming e Zizzo (2011). Da exploração da informação que descreve o fator 2 (Tabela 5 e 6), verifica-se que a média de respostas para esta subescala é de 12.09 ($DP = 2.716$), tendo uma pontuação máxima possível de 20 e mínima de 5. O valor médio mínimo é de 2.02 ($DP = .780$) para o item 3 – “Gosto de todas as pessoas que conheço” e máximo de 2.76 ($DP = .765$) para o item 10 – “Sou simpático com toda a gente” (Tabela E2, Anexo), que é o item com melhor índice de correlação com o total do fator ($r = .634$). A correlação item-total (Tabela E1, Anexo) de valor mais reduzido ($r = .469$) pertence ao item 12 (“Há pessoas com as quais não consigo ser simpático”). Os 5 itens apresentam correlações com o total da subescala superiores ao limiar psicométrico considerado aceitável, i.e., .300 (Pallant, 2005; Silvestre, 2011).

Tabela 5. Itens constituintes do Fator 2 - Gestão de Imagem Social (GIS)

Itens	
3	Gosto de todas as pessoas que conheço
8	Sou sempre amável com toda a gente
10	Sou simpático com toda a gente
12	Há pessoas com as quais não consigo ser simpático
13	As pessoas que me conhecem têm todas uma boa impressão sobre mim

Tabela 6. Síntese das características psicométricas – Fator 2 (5 itens)

<i>M</i>	<i>DP</i>	α	Amplitude _a
12.09	2.716	.767	5 - 20

Nota. Amplitude = pontuação mínima possível – pontuação máxima possível

O Fator 3 contribui para 13.863% da variância, aparecendo como o fator que menos contributo representa para a escala. É composto por 4 itens (Tabela 7), cujo conteúdo remete para questões de ordem relacional, que traduzem dependência da interação com os Outros, com o respondente a admitir que age de forma socialmente desejável, para assegurar as relações com os outros e em busca de segurança. Como tal, denominou-se este fator de “*dependência relacional*” (DR), tendo por referência a ideia da Psicologia do Desenvolvimento da construção do conhecimento de si e da autoestima, a partir das relações interpessoais ao longo da vida, criando um modelo interno próprio e das expectativas acerca dos outros (Carvalho, 2007), sendo que os modelos dinâmicos internos construídos conduzem a que a criança preveja o comportamento dos Outros e elabore atribuições motivacionais (Schneider, Atkinson, & Tardif, 2001). A tendência para a deseabilidade social será maior ou menor tendo como suporte um modelo interno de si e do mundo e as expectativas acerca dos outros, que orientarão o comportamento. Como referem Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan e Vanmeenen (2000), corroborando as nossas conjecturas, a justaposição de um *self* negativo e grandioso contém elementos sugestivos de um estilo vincutivo desorganizado. Por sua vez, Mikulincer e Shaver (2007) referem que no caso de vinculação evitante, é comum os indivíduos engrandecerem a sua autoimagem, através de defesas inconscientes e comportamentos narcísicos (*defensive self-enhancement*). Este fator apresenta um valor de consistência interna de $\alpha = .609$, considerado um valor fraco, segundo Pestana e Gageiro (2003).

As estatísticas descritivas pertencentes aos 4 itens reunidos nesta subescala identificam um valor médio de resposta de 10.92 ($DP = 2.158$), sendo a pontuação máxima para esta subescala é 16 e a mínima 4 (Tabela 8). O item cujo valor médio é mais baixo ($M = 2.57$; $DP = .774$) é o item 5 (“É importante para mim que os outros me digam que sou boa pessoa”), podendo ser encarado como aquele que menos respostas reuniu no sentido da dependência relacional. O item que registou valor médio mais elevado foi o item 1 (“Tento perceber o que agrada às pessoas com quem me relaciono para corresponder ao que esperam de mim”) ($M = 2.98$; $DP = .791$) (Tabela F2, Anexo). Por seu turno, o item que mais contributo ($r = .499$) fornece para a consistência interna desta subescala foi o item 4 (“Tenho medo de não responder ao que os outros esperam de mim”), e o que menos contribui é o item 1 (“Tento perceber o que agrada às pessoas com quem me relaciono para corresponder ao que esperam de mim”), com um coeficiente de correlação de .250. Embora este item apresente uma correlação com o total da subescala abaixo de .300 (valor mínimo considerado aceitável, seguindo Pallant, 2005; Silvestre, 2011), decidiu-se pela sua não eliminação, dado que a ocorrer não aumentaria substancialmente o valor de consistência interna, optando-se pela sua manutenção no fator 3 (Tabela F1, Anexo).

Tabela 7. Itens constituintes do Fator 3 - Dependência Relacional (DR)

Itens	
1	Tento perceber o que agrada às pessoas com quem me relaciono para corresponder ao que esperam de mim
2	Preciso que me digam que estou a fazer bem para me sentir confiante
4	Tenho medo de não responder ao que os outros esperam de mim
5	É importante para mim que os outros me digam que sou boa pessoa

Tabela 8. Síntese das características psicométricas – Fator 3 (4 itens)

<i>M</i>	<i>DP</i>	α	Amplitude _a
10.92	2.158	.609	4 - 16

Nota. Amplitude = pontuação mínima possível – pontuação máxima possível

No fator 3 (“*dependência relacional*”), a atitude de salvaguarda de um compromisso nas respostas dadas foi menos evidente que na escala total com as médias dos itens a variarem entre 2.57 ($DP = .774$) e 2.98 ($DP = .791$), o que se pode dever-se ao facto de o conteúdo dos itens remeter mais diretamente para as relações interpessoais e, como tal, os participantes não sentirão tanta necessidade de evitarem respostas extremadas, sendo mais fácil concordarem plenamente com as afirmações. Como tal, poderia ser útil, futuramente, averiguar o comportamento dos respondentes, utilizando uma escala de respostas dicotómica (“Sim”/ “Não”), embora Kurtz, Tarquini e Iobst (2008) sugiram formatos de resposta mais amplos para evitar ambiguidades inerentes a este tipo de formato.

Os fatores “*busca de aprovação social*” (BAS) e “*dependência relacional*” (DR) parecem convergir com a ideia de *impression management* enquanto motivo, avançada por Paulhus (1986), enquanto o fator “*gestão da imagem social*” (GIS) parece apontar para uma estratégia de manipulação da imagem. No entanto, indicadores inconscientes, mais próximos do *self-deception*, poderão igualmente contribuir para a forma de apresentação socialmente desejável do indivíduo (Paulhus, 2002), não sendo completamente linear uma distinção entre processos conscientes e inconscientes na desejabilidade social, na medida em que mais do que mentir deliberadamente, o indivíduo poderá optar por uma estratégia de “engano” dos outros para ajudar a convencer-se a si mesmo que possui certa característica, já que está a tentar sinceramente acreditar em tal (Haight, 1980, como citado em Baumeister & Cairns, 1992).

Assim, podemos equacionar que a DESCA engloba dois grandes tipos de desejabilidade social: criação de uma estratégia mais consciente e deliberada de enganar uma audiência no sentido de criar uma imagem positivamente favorável de si (o que parece suceder no fator GIS) ou, por outro lado, resultando da necessidade de estruturar um autoconceito positivo, os indivíduos poderão utilizar estratégias (numa atitude defensiva e de proteção) para criar uma imagem favorável de si, coincidente com atributos desejados, sendo assim um “engano” inconsciente, o que parece subjazer aos fatores BAS e DR (Paulhus, 1984).

Através do cálculo dos coeficientes de *Pearson*¹³, registaram-se correlações positivas moderadas (Cohen, 1988) significativas entre os fatores BAS e GIS ($r = .311$; $N = 229$; $p < .001$) e os fatores BAS e DR ($r = .434$; $N = 228$; $p < .001$) e uma correlação positiva baixa (Cohen, 1988), mas significativamente estatística, entre os fatores GIS e DR ($r = .141$; $N = 228$; $p = .033$). Encontraram-se correlações positivas altas (Cohen, 1988) significativas entre os fatores e os resultados globais da escala (BAS: $r = .861$; $N = 228$; $p < .001$; GIS: $r = .609$; $N = 228$; $p < .001$ e DR: $r = .700$; $N = 228$; $p < .001$) (Tabela K2, Anexo). Tais resultados vêm enfatizar a plausibilidade do modelo dos 3 fatores encontrado neste estudo.

Para análise da **validade convergente**, correlacionou-se a DESCAs com duas medidas que a literatura tem apontado como avaliando o mesmo constructo (e.g., Almiro & Simões, 2011; Seol, 2007), reconhecidas no domínio da avaliação da desejabilidade social¹⁴, validadas para a população portuguesa. Os coeficientes de correlação entre a DESCAs e a *Escala de Desejabilidade Social/ Mentira do EPQ-R* ($r = .078$; $N = 228$; $p = .241$), e entre a DESCAs e a MCSDS ($r = -.115$; $N = 227$; $p = .083$) foram fracos (Cohen, 1988) (Tabela K3, Anexo). Ao nível dos fatores, a única correlação positiva moderada encontrada, foi entre o fator “*gestão de imagem social*” e a *Escala de Desejabilidade Social/ Mentira do EPQ-R* ($r = .379$; $N = 229$; $p < .001$). Todos os outros coeficientes de correlação são fracos (Tabela K3, Anexo).

Equacionamos que tais dados podem resultar das diferentes operacionalizações do conceito de desejabilidade social, que se prende com o conteúdo dos itens de cada escala, ideia suportada por Paulhus (1986) e Reeder e Ryan (2012). Por exemplo, Crowne e Marlowe (1960) tinham como propósito evitar ambiguidades subjacentes à psicopatologia, pelo que os itens versam sobre comportamentos sancionados culturalmente e outros aprovados, mas cuja probabilidade de ocorrência é reduzida. Os itens da escala L do EPQ-R, segundo Stöber (2001), remetem para comportamentos desejáveis/ indesejáveis extremos - o que também é observado na MCSDS - cujas respostas poderão ser consideradas “mentir”, com a intenção de se parecer mais conformista do que se é na realidade. O mesmo autor defende que essa escala parece captar dissimulação de sintomas psicopatológicos. Já a DESCAs parece direcionar-se para três tipos distintos de desejabilidade social. Para além do conteúdo subjacente aos itens, os resultados obtidos poderão associar-se ao propósito geral de cada escala - no caso da DESCAs,

¹³ Pestana e Gageiro (2003) defendem que a dimensão mínima de uma amostra, quando se pretende proceder ao cálculo de coeficientes de correlação de *Pearson* deve ser 30 (para $p < .05$) e 40 (se $p = .10$), o que é largamente ultrapassado pela amostra em estudo. O Anexo K resume a informação relativa às correlações calculadas no presente trabalho.

¹⁴ Como já tivemos oportunidade de referir neste trabalho, a MCSDS tem sido alvo de vários estudos e aparece como uma das medidas mais comumente utilizada para avaliação da desejabilidade social, em todo o mundo (e.g., Barger, 2002; Nederhof, 1985; Scagliusi et al., 2004; Seol, 2007). Ao passo que as qualidades positivas do EPQ-R têm sido evidenciadas em inúmeros estudos na Europa e também um pouco pelo mundo (Almiro & Simões, 2011).

especificamente a identificação de respostas na população geral que sirvam como uma referência para avaliação de progenitores inseridos em contexto de avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia e determinação da capacidade/ competência parental.

Esta ideia parece ser corroborada pelo facto de o fator GIS apresentar uma associação positiva moderada significativa com a escala L do EPQ-R. Como tal, coloca-se a hipótese de, como esperado, o conteúdo de ambas as subescalas estarem a avaliar o mesmo tipo de desejabilidade social, i.e., uma motivação para revelar uma imagem socialmente desejável perante uma dada audiência, o que converge com o referido por Stöber (2001).

Cabe realçar ainda que, relativamente à MCSDS, McCrae e Costa (1983) postulam que a escala não avalia um estilo defensivo de autoapresentação, mas sim, provavelmente uma tendência para um baixo Neuroticismo e para a Extroversão e Abertura à Experiência. Também Oliveira (2004) cita diversos estudos para referir a desconformidade face à dimensionalidade e funcionamento estatístico da MCSDS, o que parece de alguma forma corroborar o acima exposto.

Nesta ordem de ideias, parece ser explicável que para o fator “*busca de aprovação social*” se encontre uma correlação fraca e não significativa a nível estatístico com a MCSDS (acrescendo ainda o facto de os itens não seguirem o mesmo propósito). E ainda, segundo Stöber (2001), a MCSDS reflete padrões sociais adequados aos anos 1950s, pelo que atualmente se assistirá a uma desatualização dos conteúdos mensurados. Kurtz et al. (2008) parecem sugerir que esta escala é demasiado generalista para representar um constructo complexo como a desejabilidade social (Paulhus, 2002).

Relativamente à avaliação da **validade divergente** da DESCA, surgiram algumas correlações fracas com a escala e as dimensões da personalidade avaliadas pelo EPQ-R (Tabela K1, Anexo), distinguindo-se assim da avaliação do traço personalístico, o que contraria McCrae e Costa (1983), Ones et al. (1996) e Smith e Ellingson (2002). Apenas o fator “*dependência relacional*” registou uma correlação positiva moderada significativa ($r = .337$; $N = 228$; $p < .001$), com a dimensão *Neuroticismo* do EPQ-R. Ainda relativamente à dimensão *Neuroticismo*, apesar de associações fracas, a DESCA registou uma correlação positiva significativa com esta dimensão do EPQ-R ($r = .192$; $N = 228$; $p = .004$), o que indica uma ligeira tendência, para que quanto maiores os níveis de desejabilidade social, maiores os índices de neuroticismo. O fator BAS registou também correlações positivas fracas ($r = .141$; $N = 229$; $p = .033$) significativas. Apesar de magnitudes fracas, tais resultados contrariam os dados de Paulhus (1991), de Paulhus e Reid (1991) e de McCrae e Costa (1983), cujos resultados apontam para quanto maior os níveis de desejabilidade social, a um nível geral, menores os níveis de neuroticismo. Todavia, podemos equacionar que perante pessoas com tendência para apresentarem uma personalidade neurótica ou instável, poderá conduzir à emissão de mais respostas socialmente desejáveis, tendo subjacente uma maior necessidade de aprovação social, de forma a reduzir a ansiedade associada com avaliações negativas (Gooden & Struble, 1990), neutralizando a ameaça

(Taylor, 1989, como citado em Paulhus & Reid, 1991). Dado que a correlação entre esta dimensão e o fator “*dependência relacional*” foi superior (moderada, de acordo com Cohen, 1988), relativamente às restantes correlações, corrobora ainda mais esta associação, enquanto subescala mais dependente de aspetos relacionais e portanto, perante uma personalidade menos estável (Neuroticismo elevado, associado a maiores níveis de ansiedade), maior a necessidade de agir de forma desejável socialmente. Mikulincer e Shaver (2007) corroboram estas inferências, referindo que pessoas ansiosas (especificando: em termos vinculativos) apresentam uma maior necessidade de obter atenção, suporte, afetividade e tendem, compulsivamente, a buscar interações. Ao mesmo tempo, experienciam medo da rejeição e duvidam da sua capacidade para estabelecer relações interpessoais (nomeadamente nas mais íntimas), podendo conduzir a uma ruminação obsessiva de como reagir nas situações sociais, daí se antever uma maior preocupação para agradar aos outros em pessoas menos seguras e mais instáveis. Freire e Almeida (2001) atribuem várias possibilidades para responder de forma socialmente aceite, nomeadamente: fraca afirmação pessoal; necessidade de se conformar com o que os outros esperam de si; autoproteção; fuga à crítica; conformidade social e necessidade de obter aprovação social; e necessidade de atenção.

Apesar de os coeficientes de correlação serem igualmente fracos com a dimensão *Psicoticismo* do EPQ-R, destacam-se as correlações negativas significativas para a DESCA ($r = -.131$; $N = 227$; $p = .048$). Esta associação, embora fraca, significa que quanto maior o nível de desejabilidade social do participante, menor o grau de hostilidade, egocentricidade e rigidez apresentado, o que de certo modo vai ao encontro dos resultados da literatura, que evidenciam que diversos tipos de desejabilidade social (níveis mais inconscientes) se associam a um maior ajustamento psicológico geral (Hogan, 1992; Linden, Paulhus, & Dobson, 1986; Paulhus, 1991; Paulhus & Reid, 1991; Roth, Snyder, & Pace, 1986). A outra correlação significativa, mas igualmente fraca (Cohen, 1988) com esta dimensão registou-se para o fator GIS ($r = -.254$; $N = 228$; $p < .001$). Embora evidencie reduzidos valores de associação, estes resultados contrariam Hogan (1992), que defende que as correlações negativas entre a *impression management* (enquanto intenção deliberada) e o ajustamento se associam ao facto de estes sujeitos se encontrarem alerta para as expectativas que operam nos diversos contextos sociais, tentando corresponder a estas. A nosso ver, os sujeitos motivados para distorcer intencionalmente, de modo favorável, a sua imagem, também tenderão a apresentar-se como mais ajustados, de modo a atingirem o seu propósito.

O mesmo sucedeu na correlação do GIS com a Extroversão do EPQ-R ($r = .204$; $N = 228$; $p = .002$), mostrando que quanto maior a tendência de manipulação da imagem social perante uma audiência específica, maior a extroversão, sociabilidade, otimismo e espontaneidade, o que vai ao encontro do reportado por Paulhus e Reid (1991) de que a ansiedade social se associa negativamente com os dois tipos de desejabilidade social.

Desta forma, os coeficientes de correlação entre as várias dimensões da personalidade e a DESCA conferem a validade divergente da escala, pois correspondem a associações fracas, indicando que a DESCA reflete diferenças individuais na desejabilidade social que se revelam no modo de atuação adotado pelos sujeitos nas suas relações interpessoais, dependentes de circunstâncias situacionais, o que é corroborado por Paunonen e LeBel (2012). Além disso, podemos antever que o facto de uma pessoa deter um alto nível de um traço pouco desejável (e.g., ansiedade elevada) conduz a uma maior motivação para se apresentar de uma forma desejável socialmente, de acordo com Paunonen e LeBel (2012).

Os coeficientes de correlação entre o resultado total da DESCA e de cada um dos fatores com o resultado do subteste verbal Compreensão da WAIS-III foram baixos (Cohen, 1988) (Tabela K1, Anexo), à semelhança dos resultados da metanálise levada a cabo por Ones et al. (1996), que concluem por uma associação insignificante entre desejabilidade social e capacidades cognitivas. A este respeito, era esperada uma correlação negativa significativa¹⁵ entre desejabilidade social e esta aptidão cognitiva, pois indivíduos com essa capacidade, não necessitariam de adotar estratégias para apresentar uma boa imagem, apresentando um ajustamento social adequados e capacidades pró sociais, que se encontram relacionados com a inteligência social (Kaukiainen, Björkqvist, Lagerspetz, Rothberg, & Ahlbom, 1999).

Por outro lado, a única correlação encontrada com significado estatístico entre a ESEMP (escala de avaliação da empatia) e a DESCA, indica uma associação negativa e fraca¹⁶ (Cohen, 1988), entre o fator BAS e o resultado total da ESEMP ($r = -.285$; $N = 229$; $p < .001$), o que sugere que quanto maior a necessidade de mostrar uma imagem socialmente desejável na busca de aceitação, menor a capacidade de empatizar o que faz aumentar ciclicamente a necessidade de aprovação social. Estes resultados mostram que a desejabilidade social e a empatia são constructos diferenciados.

4.3 Estatísticas descritivas – valores da escala total e subescalas em função do sexo, idade e nível de escolaridade

As Tabelas 9, 10 e 11 sintetizam a informação ao nível das estatísticas descritivas, em função das variáveis sociodemográficas analisadas.

Relativamente à escala total, o sexo feminino apresentou resultados superiores ($M = 35.35$; $DP = 5.331$) de desejabilidade social, comparativamente aos indivíduos do sexo masculino ($M = 35.23$; $DP = 5.584$). O mesmo padrão de resultados foi encontrado para o fator “*busca de aprovação social*” (mulheres: $M = 11.78$ $DP = 3.106$; homens: $M = 11.76$; $DP = 3.121$) e para o fator “*dependência relacional*” (mulheres: $M = 11.09$ $DP = 2.151$; homens: $M = 10.63$; $DP = 2.152$), com exceção no fator

¹⁵ No entanto, deverá ser reforçado que, no nosso estudo, embora com tendência negativa, a associação é considerada fraca (Cohen, 1988).

¹⁶ Todas as outras correlações são classificadas igualmente de fracas (Cohen, 1988) e não apresentam significado estatístico.

“gestão de imagem social”, onde foram os homens que registaram valores médios superiores ($M = 12.84$; $DP = 2.134$), comparativamente às mulheres ($M = 12.52$; $DP = 1.967$) (ver Tabela 9).

Tabela 9. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função do sexo

	Sexo	
	Feminino ($n = 142$)	Masculino ($n = 87$)
	$M (DP)$	$M (DP)$
DESCA Total	35.35 (5.331)	35.23 (5.584)
BAS	11.78 (3.106)	11.76 (3.121)
GIS	12.52 (1.967)	12.84 (2.134)
DR	11.09 (2.151)	10.63 (2.152)

De modo a comparar as respostas em função da variável Sexo, procedeu-se ao cálculo do Teste *t-student*¹⁷ para amostras independentes. Os resultados obtidos (Tabela G1, Anexo) indicam que não há diferenças estatisticamente significativas ao nível da média dos resultados totais da DESCA em função da variável sexo ($t(226) = .169$, $p = .866$, 95% IC [-1.334, 1.583], $d = .023$). Procedendo a uma análise mais detalhada, atentando nas três subescalas da DESCA (Tabela H1, I1 e J1, Anexo), o mesmo padrão de resultados foi encontrado para o fator “busca de aprovação social”, ($t(227) = .054$, $p = .957$, 95% IC [-.812, .858], $d = .0074$), para o fator “gestão de imagem social”, ($t(227) = -1.149$, $p = .252$, 95% IC [-.863, .227], $d = -.1564$) e para o fator “dependência relacional” ($t(226) = 1.568$, $p = .118$, 95% IC [.118, 1.038], $d = .2138$), cujas dimensões do efeito são pequenas (Cohen, 1988). Como tal, não se registaram igualmente diferenças significativas em função do sexo, nos três fatores da DESCA.

Os resultados encontrados são convergentes com outras pesquisas (Andrews & Meyer, 2003; Johnson & Fendrich, 2002; Loo e Loewen, 2004; Loo & Thorpe, 2000; Oliveira, 2004; Ribas et al., 2004; Stöber, 2001; Zook & Sipps, 1985). No caso específico de progenitores envolvidos em contexto de determinação de custódia, Bathurst, Gottfried e Gottfried (1997), apesar de terem registados diferenças consoante o sexo, consideraram essa diferença insignificante.

No que respeita à Idade, os sujeitos que pontuaram mais na escala total foram os pertencentes à faixa etária mais velha (45 – 55 anos), cuja média foi 37.04 ($DP = 5.931$), seguida da faixa etária entre os 18 e os 24 anos ($M = 35.17$; $DP = 5.287$). Os participantes com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos obtiveram valores médios de 34.33 ($DP = 5.519$). Finalmente, a média dos respondentes com 35 – 44 anos foi 34.53 ($DP = 4.486$) (ver Tabela 10).

¹⁷ Dado que o número de observações é superior a 30 optou-se pelo cálculo do Teste *t-student*, uma vez que os testes paramétricos são mais robustos que os Não Paramétricos (Pestana & Gageiro, 2003).

As estatísticas descritivas para cada uma das subescalas em função do grupo etário foram para o fator “*busca de aprovação social*” 11.62 ($DP = 3.200$), para os sujeitos dos 18 – 24 anos; 11.44 ($DP = 2.663$) para os sujeitos dos 35 – 44 anos; e 13.13 ($DP = 2.965$) para os sujeitos da faixa etária mais avançada (45 – 55 anos), aparecendo como o grupo etário que mais se caracterizou pela busca de aprovação social, contrastando diretamente com o grupo dos 25 – 34 anos ($M = 10.88$; $DP = 2.938$). No fator “*gestão de imagem social*”, o grupo etário que voltou a registrar valores de média mais elevados foi o dos 45-55 anos ($M = 13.23$; $DP = 2.166$), seguido do grupo dos 25-34 anos ($M = 12.88$; $DP = 2.163$). Os sujeitos com 35 - 44 anos obtiveram uma média de 12.72 ($DP = 2.052$), pelo que foi o grupo dos 18 – 24 anos onde os resultados foram mais baixos ($M = 12.25$; $DP = 1.852$). No fator “*dependência relacional*”, os valores de média mais baixo registraram-se na faixa etária dos 35 – 44 anos ($M = 10.38$; $DP = 1.661$), seguida do grupo dos 25 - 34 anos ($M = 10.56$; $DP = 2.097$). A faixa que se segue é a dos participantes com 45 – 55 anos ($M = 10.77$; $DP = 2.189$), sendo os sujeitos com 18 – 24 anos o grupo em que a pontuação média foi mais elevada ($M = 11.29$; $DP = 2.259$) (ver Tabela 10).

Tabela 10. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função da idade

	Idade			
	18 – 24	25 – 34	35 – 44	45 - 55
	($n = 106$)	($n = 43$)	($n = 32$)	($n = 48$)
	$M (DP)$	$M (DP)$	$M (DP)$	$M (DP)$
DESCA Total	35.17 (5.287)	34.33 (5.519)	34.53 (4.486)	37.04 (5.931)
BAS	11.62 (3.200)	10.88 (2.938)	11.44 (2.663)	13.13 (2.965)
GIS	12.25 (1.852)	12.88 (2.163)	12.72 (2.052)	13.23 (2.166)
DR	11.29 (2.259)	10.56 (2.097)	10.38 (1.661)	10.77 (2.189)

Procedeu-se ao cálculo do teste ANOVA para analisar a eventual presença de diferenças nos totais da DESCA e subescalas em função da idade agrupada em 4 categorias. Os resultados mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas ($F(3, 224) = 2.362, p = .072$) (Tabela G2, Anexo) nos resultados totais da DESCA quando é analisada a influência dos diferentes grupos etários. A dimensão do efeito é “pequena” ($\eta^2_p = .031$) (Maroco, 2007).

O mesmo padrão foi encontrado para o fator “*dependência relacional*”, em que não se registaram resultados com significado estatístico ($F(3, 224) = 2.252, p = .083$), tendo em conta as quatro faixas etárias da amostra, sendo a dimensão do efeito considerada igualmente “pequena” ($\eta^2_p = .029$) (Tabela J2, Anexo). Registaram-se diferenças estatisticamente significativas no fator “*busca de aprovação social*” ($F(3, 225) = 4.627, p = .004, \eta^2_p = .058$) e no fator “*gestão de imagem social*” ($F(3, 225) = 2.905, p = .036, \eta^2_p = .037$), tendo em conta a influências dos grupos etários. As

dimensões dos efeitos são consideradas “média” e “pequena” respetivamente (Maroco, 2007) (Tabela H2 e I2, Anexo). Os resultados dos testes de comparações múltiplas de Bonferroni demonstraram que os sujeitos mais velhos (44-55 anos) apresentam níveis superiores de “*gestão de imagem social*” (Tabela I3, Anexo) e de “*busca de aprovação social*” (Tabela H3, Anexo), comparativamente aos sujeitos mais novos da amostra (18-24 anos), diferenças estas estatisticamente significativas, sendo que para este último fator (BAS) os participantes mais velhos registam igualmente níveis superiores, significativos estatisticamente, quando comparados com os sujeitos de idades compreendidas entre os 25-34 anos (Tabela H3, Anexo).

Uma vez que os fatores 1 (BAS) e 2 (GIS) são os que maior contributo fornecem para a DESCA, consideramos que estes resultados vão ao encontro dos resultados reportados por Ray (1988), Soubelet e Salthouse (2011) e Stöber (2001), que encontraram níveis mais elevados de desejabilidade social com o aumento da idade.

Considerando o nível de escolaridade, foram os sujeitos do 2.º Ciclo que registaram valores médios mais elevados ($M = 38.67$; $DP = 7.247$) na DESCA, seguidos dos sujeitos com 1º Ciclo ($M = 38.00$; $DP = 5.606$). O valor médio mais baixo na DESCA foi alcançado pelo grupo de escolaridade Superior ($M = 34.49$; $DP = 5.047$) (ver Tabela 11). Na subescala “*busca de aprovação social*”, o grupo de escolaridade em que a pontuação média foi mais elevada foi o 2º Ciclo ($M = 13.67$; $DP = 3.416$), sendo que os participantes com um nível de escolaridade Superior registaram novamente os valores médios mais reduzidos ($M = 11.14$; $DP = 2.984$), assim como para o fator “*gestão de imagem social*”, com uma média de 12.37 ($DP = 1.664$). Neste fator foi o grupo com 1º Ciclo onde se registaram valores de média superiores ($M = 13.89$; $DP = 2.977$), seguido dos sujeitos com o 2º Ciclo ($M = 13.40$; $DP = 2.586$). Finalmente, na subescala “*dependência relacional*”, os valores de média superiores registaram-se no grupo com o 2º Ciclo ($M = 11.60$; $DP = 2.923$), logo seguido pelos respondentes que possuem o 1º Ciclo ($M = 11.25$; $DP = 2.816$). O valor de média mais baixo foi obtido pelo grupo com 3º Ciclo, com uma média de 10.62 ($DP = 1.858$).

Tabela 11. Estatísticas descritivas - valores da escala total e subescalas em função da escolaridade

	Escolaridade				
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Superior
	($n = 9$)	($n = 15$)	($n = 39$)	($n = 100$)	($n = 65$)
	$M (DP)$				
DESCA Total	38.00 (5.606)	38.67 (7.247)	35.85 (4.738)	34.93 (5.431)	34.49 (5.047)
BAS	13.22 (2.108)	13.67 (3.416)	12.38 (2.730)	11.53 (3.221)	11.14 (2.984)
GIS	13.89 (2.977)	13.40 (2.586)	12.85 (2.059)	12.52 (2.032)	12.37 (1.664)
DR	11,25 (2.816)	11.60 (2.923)	10.62 (1.858)	10.88 (2.124)	10.98 (2.125)

Os resultados do teste ANOVA registam diferenças estatisticamente significativas ($F(4, 222) = 2.583$, $p = .038$) nos resultados totais da DESCA

(Tabela G3, Anexo) e cuja medida do efeito ($\eta^2_p = .044$) apresenta um valor “pequeno” (Maroco, 2007). Os resultados dos testes de comparações múltiplas de Bonferroni demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre cada um dos níveis de escolaridade nos resultados totais da DESCA (Tabela G4, Anexo).

Analisando cada fator individualmente, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nos resultados do fator “*gestão de imagem social*” ($F(4, 223) = 1.869, p = .117$) (Tabela I4, Anexo) e do fator “*dependência relacional*” ($F(4, 222) = .631, p = .641$) (Tabela J3, Anexo) para as diferentes categorias escolares. As medidas do efeito para estas variáveis foram, respetivamente $\eta^2_p = .032$ e $\eta^2_p = .011$, consideradas “pequenas”, segundo Maroco (2007). Registaram-se resultados estatisticamente significativos no fator “*busca de aprovação social*” ($F(4, 223) = 3.201, p = .014$) e cuja medida do efeito ($\eta^2_p = .054$) é considerada “média” pelo mesmo autor (Tabela H4, Anexo). Os resultados dos testes de comparações múltiplas de Bonferroni sugerem que os participantes com nível de escolaridade Superior registam pontuações inferiores na *busca de aprovação social*, comparativamente aos sujeitos com 2º Ciclo, sendo estas diferenças estatisticamente significativas (Tabela H5, Anexo), o que é de alguma forma corroborado por Heerwig e McCabe (2009), Johnson e Fendrich (2002), Ones, Viswesvaran, e Reiss (1996) e Ribas et al. (2004) que apresentam um decréscimo na desejabilidade social com o aumento da escolaridade.

V - Conclusões

A presente investigação pretendeu construir e validar um instrumento de avaliação da desejabilidade social (DESCA), seguindo o propósito de identificação das respostas numa amostra da população geral, enquanto referência para a avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia e determinação da capacidade/ competência parental, já que este consiste num tópico bastante presente neste contexto (e.g., Carr, Moretti, & Cue, 2005; Tobin, Seals, & Vincent, 2011). A desejabilidade social constitui um tema largamente abordado e discutido e amplamente estendido a outros contextos, embora distintas opiniões sejam expressadas relativamente à extensão do problema que lhe subjaz (Paunonen & LeBel, 2012).

Enquanto tendência para emitir auto-descrições excessivamente positivas (Paulhus, 2002), é um facto que a desejabilidade social consiste numa preocupação não só na resposta a questionários de personalidade ou instrumentos de autorresposta mais gerais, mas igualmente em auto-descrições verbais e em comportamentos, reportada na literatura, mas também identificada em contexto de experiência clínica. Como tal, torna-se importante que uma das tarefas do examinador se prenda com a reunião de esforços no sentido de determinar a extensão da alteração das autoapresentações e ter em conta esta ocorrência quando interpreta os resultados da avaliação. Nestes casos, uma medida de desejabilidade social

poderá ser administrada, sobretudo em contextos em que se identifique uma motivação no sentido de distorcer o autorrelato, como se constata nos contextos de avaliação de progenitores, providenciando, dessa forma, uma maior garantia da validade dos resultados obtidos no contexto da avaliação psicológica efetuada.

Da análise dos resultados deste trabalho destaca-se que a DESCAs apresenta qualidades psicométricas razoáveis, tanto ao nível dos estudos de precisão (consistência interna e estabilidade temporal) como de validade (de constructo e divergente), revelando-se um instrumento adequado para identificar respostas socialmente desejáveis na população geral, indiciando confiança para ser aplicado no contexto de avaliação de progenitores (envolvidos em contexto jurídico de situação de disputa de custódia e determinação da capacidade/ competência parental, segundo o nosso propósito inicial).

Relativamente à fiabilidade, a versão final da escala, constituída por 15 itens, obteve um coeficiente razoável de consistência interna ($\alpha = .757$), segundo Pestana e Gageiro (2003) e coeficientes de estabilidade temporal elevados e significativos ($r = .749$, $n = 78$, $p < .001$), segundo a classificação de Cohen (1988), para um intervalo entre as aplicações de um mês. Obteve-se uma estrutura fatorial de três fatores: “*busca de aprovação social*” (BAS; $\alpha = .799$), “*gestão de imagem social*” (GIS; $\alpha = .767$) e “*dependência relacional*” (DR; $\alpha = .609$), que explicam uma percentagem considerável da variância na amostra em estudo e cujas correlações com o total da escala são todas elevadas, sendo que a associação entre cada fator é considerada média (exceção entre DR e GIS, considerada pequena). Embora não seja totalmente coincidente com a estrutura mais citada na literatura, a DESCAs reuniu evidências convergentes com as várias concetualizações, capturando aspetos diversos de cada uma das abordagens.

Relativamente à validade convergente, esperavam-se graus de correspondência mais proeminentes com instrumentos que medem constructos semelhantes (escala L do EPQ-R e MCSDS). No entanto, face à pluralidade de concetualizações e à discussão subjacentes à desejabilidade social, mas também perante as críticas levantadas à especificidade de cada instrumento, cremos que os dados obtidos não retiram utilidade prática à DESCAs.

Com respeito à validade divergente, perante níveis de associação, na sua maioria reduzidos, com as dimensões da personalidade avaliadas pelo EPQ-R, com a Escala de Avaliação de Empatia (ESEMP) e com o subteste verbal Compreensão (WAIS-III), parece que a DESCAs não avalia traços de personalidade, apelando mais a uma motivação para num dado contexto dar uma apreciação exageradamente positiva/ favorável de si próprio.

Ao nível das diferenças individuais, os dados obtidos apontam para diferenças nulas nos resultados em função da variável sexo. Apontam igualmente para indícios de uma inclinação global para níveis mais proeminentes de desejabilidade social, em faixas etárias mais avançadas (especificando, nos fatores “*busca de aprovação social*” e “*gestão de imagem social*”, os sujeitos da faixa etária mais avançada apresentam

valores significativamente superiores nos fatores, comparativamente a indivíduos mais jovens) e para uma tendência para uma menor desejabilidade social perante níveis de escolaridade superiores, comparativamente a níveis menos avançados (especificamente, o fator “*busca de aprovação social*” parece ser influenciado pelo nível de escolaridade, com os indivíduos com maior nível de escolaridade a apresentarem resultados significativamente mais baixos no fator, que os respondentes com níveis mais baixos de escolaridade).

Estudos posteriores serão necessários no sentido de replicar e refinar os resultados encontrados, nomeadamente ao nível da estrutura da escala e da propriedade dos itens, no sentido de clarificar a natureza e o papel da desejabilidade social, enquanto área que (ainda) carece de clarificação.

Neste enquadramento, em estudos posteriores, sugere-se a prossecução da investigação nesta área, dada a controvérsia e ausência de unificação em torno do constructo. Será fundamental a extensão do trabalho a uma amostra forense de progenitores envolvidos em situação de disputa de custódia e determinação da capacidade/ competência parental (contexto jurídico). Embora fosse nosso propósito inicial, tal objetivo tornou-se impraticável, dada a indisponibilidade das pessoas e a exigência a nível de horas despendidas nestas avaliações, que implicam várias sessões de várias horas.

Bibliografia

- Ackerman, M. J. (2010). *Essentials of forensic psychological assessment* (2.^a ed.). Hoboken, N.J.: Wiley.
- Ackerman, M. J., & Pritlz, T. B. (2011). Child custody evaluation practices: A 20-year follow-up. *Family Court Review*, 49(3), 618–628.
- Almiro, P., A., & Simões, M. R. (2008). Estudo exploratório com a versão experimental portuguesa do Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R). *Actas da XIII Conferência Internacional “Avaliação Psicológica: Formas e Contextos”*.
- Almiro, P., A., & Simões, M. R. (2011). Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma revista (EPQ-R): Breve revisão dos estudos de validade concorrente. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 42, 101-120.
- Almiro, P., A., & Simões, M. R. (in press). *Eysenck Personality Questionnaire-Revised* (EPQ-R). In L. S. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. II). Coimbra: Almedina Edições.
- Almiro, P.A., Simões, M. R., & Sousa, L. (2012). *Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (versão 33 itens): Estudos de adaptação e validação para a população portuguesa*. Em preparação.
- American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education (2002). *Standards for educational and psychological testing*. Washington: American Educational Research Association.

- American Psychological Association. (2010). Guidelines for child custody evaluations in family law proceedings. *American Psychologist*, 65(9), 863–867. doi: 10.1037/a0021250
- Anastasi, A. (1990). *Psychological testing*. New York: MacMillan Publishing Company.
- Andrews, P., & Meyer, R. G. (2003). Marlowe-Crowne Social Desirability Scale and Short Form C: Forensic Norms. *Journal of Clinical Psychology*, 59(4), 483-492. doi: 10.1002/jclp.10136
- Archer, E. M., Hagan, L. D., Mason, J. Handel, R., & Archer, R. P. (2012). MMPI-2-RF Characteristics of custody evaluation litigants. *Assessment*, 19(1), 14-20. doi 10.1177/1073191110397469
- Bagby, R. M., Nicholson, R. A., Buis, T., Radovanovic, H., & Fidler, B. J. (1999). Defensive responding on the MMPI-2 in family custody and access evaluations. *Psychological Assessment*, 11(1), 24-28. doi: 10.1037/1040-3590.11.1
- Barger, S. D. (2002). The Marlowe-Crowne affair: short forms, psychometric structure, and social desirability. *Journal of Personality Assessment*, 79(2), 286-305.
- Barros, R., Moreira, P., & Oliveira, B. (2005). Influência da deseabilidade social na estimativa da ingestão alimentar obtida através de um questionário de frequência de consumo alimentar. *Acta Médica Portuguesa*, 18(1), 241-248.
- Bathurst, K., Gottfried, A. W., & Gottfried, A. E. (1997). Normative data for the MMPI-2 in child custody litigation. *Psychological Assessment*, 9, 205-211.
- Baumeister, R. F., & Cairns, K. J. (1992). Repression and self-presentation: When audiences interfere with self-deceptive strategies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54, 309-313.
- Carr, G. D., Moretti, M. M., & Cue, B. J. H. (2005). Evaluating parenting capacity: Validity problems with the MMPI-2, PAI, CAPI, and ratings of child adjustment. *Professional Psychology: Research and Practice*, 36, 188-196.
- Carvalho, M. A. D. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência* (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Portugal.
- Crandall, V. C., Crandall, V. J., & Katrovsky, W. (1965). A children's social desirability questionnaire. *Journal of Consulting Psychology*, 29(1), 27-36.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354.
- Dalton, D., & Ortegren, M. (2011). Gender differences in ethics research: The importance of controlling for the social desirability response bias. *Journal of Business Ethics*, 103, 73-93. doi: 10.1007/s10551-011-0843-8

- Dilchert, S., Ones, D. S., Viswesvaran, C., & Deller, J. (2006). Response distortion in personality measurement: born to deceive, yet capable of providing valid self-assessments. *Psychology Science*, *48*(3), 209-225.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Edwards, A. L. (1967a). The social desirability variable: A broad statement. In I. A. Berg (Ed.), *Response set in personality assessment* (pp. 32-47). Chicago, Illinois: Aldine Publishing Company.
- Edwards, A. L. (1967b). The social desirability variable: A review of the evidence. In I. A. Berg (Ed.), *Response set in personality assessment* (pp. 48-70). Chicago, Illinois: Aldine Publishing Company.
- Edwards, A. L., & Walker, J. N. (1961). A short form of the MMPI: The SD Scale. *Psychological Reports*, *8*, 485-486.
- Ellingson, J. E. (2012). People fake only when they need to fake. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 19-33). New York: Oxford University Press.
- Emery, R. E., Otto, R. K., & Donohue, W. T. (2005). A critical assessment of child custody evaluations – Limited Science and a flawed system. *American Psychological Society*, *6*(1), 1-29.
- Eysenck, S.B., Eysenck, H.J. & Barrett, P.T. (1985). A revised version of the Psychoticism scale. *Personality and Individual Differences*, *6*(1), 21-29.
- Fleming, P., & Zizzo, D. J. (2011). Social desirability, approval and public good contribution. *Personality and Individual Differences*, *51*, 258-262. doi: 10.1016/j.paid.2010.05.028
- Franke, G. H. (2002). Faking bad in personality inventories: Consequences for the clinical context. *Psychologische Beiträge*, *44*(1), 50-61.
- Freire, T., & Almeida, L. S. (2001). Escalas de avaliação: Construção e validação. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 109-128). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative "description of personality": The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, *59*, 1216-1229.
- Gooden, W. E., & Struble, K. D. (1990). Perceived parental behavior and the social desirability response set. *Journal of Youth and Adolescence*, *19*(6), 605-613.
- Gould, J., Martindale, D. A., & Flens, J. R. (2009). Use of psychological tests in child custody evaluations. In R. M. Galatzer-Levy, & L. Kraus (Eds.), *The scientific basis of child custody decisions* (2^a ed, pp. 85-124). New York, Wiley.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F. de, Santos, W. S., & Costa, J. de M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: Evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, *8*(1), 87-98.

- Groh, D. R., Ferrari, J. R., & Jason, L. A. (2009). Self-reports of substance abusers: The impact of social desirability on social network variables, *Journal of Groups in Addiction & Recovery*, 4, 51-61. doi: 10.1080/15560350802712397
- Gudjonsson, G. H., & Young, S. (2010). Personality and deception. Are suggestibility, compliance and acquiescence related to socially desirable responding?. *Personality and Individual Differences*, 50, 192-195. doi: 10.1016/j.paid.2010.09.024
- Gur, R. C., & Sackeim, H. A. (1979). Self-deception: A concept in search of a phenomenon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 147-169.
- Heerwig, J. A., & McCabe, B. J. (2009). Education and social desirability bias: The case of a black presidential candidate. *Social Science Quarterly*, 90(3), 674-686.
- Heinze, M. C., & Grisso, T. (1996). Review of instruments assessing parenting competencies used in child custody evaluations. *Behavioral Sciences and the Law*, 14, 293-313.
- Helmes, E., & Holden, R. R. (2003). The construct of social desirability: One or two dimensions?. *Personality and Individual Differences*, 34, 1015-1023.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Sílabo.
- Hogan, R. T. (1992). Personality and personality measurement. In M. D. Dunnette & L. M. Hough (Eds.), *Handbook of industrial and organizational psychology* (pp. 873-919) (2^a ed., Vol. 2). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Holden, R. (2007). Socially desirable responding does moderate personality scale validity both in experimental and in nonexperimental contexts. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 39(3), 184-201.
- Holden, R. R., & Book, A. S. (2012). Faking does distort self-report personality assessment. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 71-84). New York: Oxford University Press.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2009). Social desirability. In M. R. Leary, & R. H. Hoyle. (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 441-454). New York; London: Guilford.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2010). Socially desirable responding in personality assessment: Not necessarily faking and not necessarily substance. *Personality and Individual Differences*, 49, 446-450. doi:10.1016/j.paid.2010.04.015
- Jackson, D. N., & Messick, S. (1958). Content and style in personality assessment. *Psychological Bulletin*, 55, 243-252.
- Jackson, D. N., & Messick, S. (1962). Response styles on the MMPI: Comparison of clinical and normal samples. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 65(5), 285-299.
- Jiménez, F., Sánchez, G., & Tobón, C. (2009). A social desirability scale for the MMPI-2. Which of the two: Wiggins (WSD) or Edwards (ESD)?

- The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 1(2), 147-163.
- Johnson, T. P., & Fendrich, M. (2002, May). A validation of the Crowne-Marlowe Social Desirability Scale. Annual meeting of the American Association for Public Opinion Research, St. Petersburg, FL.
- Kaukiainen, A., Björkqvist, K., Lagerspetz, K., Österman, K., Salmivalli, C., Rothberg, S., & Ahlbom, A. (1999). The relationships between social intelligence, empathy, and three types of aggression. *Aggressive Behavior*, 25, 81–89.
- Kurtz, J. E., Tarquini, S. J., & Iobst, E. A. (2008). Socially desirable responding in personality assessment: Still more substance than style. *Personality and Individual Differences*, 45, 22–27.
- Leite, W., & Beretvas, S. N. (2005). Validation of scores on the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale and the Balanced Inventory of Desirable Responding. *Educational and Psychological Measurement*, 65, 140-154.
- Levashina, J., Morgeson, F. P., & Campion, M. A. (2009). They don't do it often, but they do it well: Exploring the relationship between applicant mental abilities and faking. *International Journal of Selection and Assessment*, 17(3), 271-281.
- Linden, W., Paulhus, D. L., & Dobson, K. S. (1986). Effects of response styles on the report of psychological and somatic distress. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(3), 309-313.
- Loo, R., & Loewen, P. (2004). Confirmatory factor analyses of scores from full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Applied Social Psychology*, 34,(11), 2343-2352.
- Loo, R., & Thorpe, K. (2000). Confirmatory factor analyses of the full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *The Journal of Social Psychology*, 140(5), 628-635.
- MacCann, C., Ziegler, M., & Roberts, R. R. (2012). Faking in personality assessment: Reflections and recommendations. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 309-344). New York: Oxford University Press.
- Marlowe, D., & Crowne, D. P. (1961). Social desirability and response to perceived situational demands. *Journal of Consulting Psychology*, 25(2), 100-115.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1983). Social desirability scales: More substance than style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51, 882-888.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 81-90.
- McKinley, J.C., Hathaway, S. R., & Meehl, P. E. (1948). The Minnesota Multiphasic Personality Inventory: VI. The K Scale. *Journal of*

- Consulting Psychology*, 12(1), 20-31. doi: 10.1037/h0061377
- Meehl, P. E. & Hathaway, S. R. (1946). The K factor as a suppressor variable in the Minnesota Multiphasic Personality Inventory. *Journal of Applied Psychology*, 30, 525-564.
- Mersman, J. L., & Shultz, K. S. (1998). Individual differences in the ability to fake on personality measures. *Personality and Individual Differences*, 24(2), 217-227.
- Messick, S. (1991). Psychology and methodology of response styles. In R. E. Snow, & D. E. Wiley (Eds.), *Improving inquiry in social science* (pp. 161-200). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Mortel, T. F. van de. (2008). Faking it: Social desirability response bias in self-report research. *Australian Journal of Advanced Nursing*, 25(4), 40-48.
- Nederhof, A. J. (1985). Methods of coping with social desirability bias: A review. *European Journal of Social Psychology*, 15, 263-280.
- Nichols, D. S. (2011). *Essentials of MMPI-2 assessment* (2^a ed., pp. 45-88). New York: John Wiley & Sons.
- Oliveira, J. H. B. (2004). Desejabilidade social: Um constructo de difícil avaliação. *Psychologica*, 35, 233-247.
- Ones, D.S., Viswesvaran, C. & Reiss, A.D. (1996). Role of social desirability in personality testing for personnel selection: The red herring. *Journal of Applied Psychology*, 81(6), 660-679.
- Ortet, G., Ibáñez, M.I., Moro, M., Silva, F. & Boyle, G.J. (1999). Psychometric appraisal of Eysenck's revised Psychoticism scale: A cross-cultural study. *Personality and Individual Differences*, 27, 1209-1219.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)* (2^a ed.). Australia: Allen & Unwin.
- Paulhus, D. L. (1984). Two-component models of socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(3), 598-609.
- Paulhus, D. L. (1986). Self-deception and impression management in tests responses. In A. Angleitner & J. S. Wiggins (Eds.), *Personality assessment via questionnaires* (pp. 144-165). Berlin: Springer-Verlag.
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitude* (pp. 17-59). San Diego: Academic Press.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. I. Braun, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49-69). Mahwah NJ: Erlbaum.
- Paulhus, D. P., & John, O. P. (1998). Egoistic and moralistic biases in self-perception: The interplay of self-deceptive styles with basic traits and

- motives. *Journal of Personality*, 66(6), 1025-1060.
- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 307-317.
- Paunonen, S. V., & LeBel, E. P. (2012). Socially desirable responding and its elusive effects on the validity of personality assessments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(1), 158-175.
- Pestana M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo
- Póinhos, R., Correia, F., Faneca, M., Ferreira, J., Gonçalves, C., Pinhão, S. & Medina, J. L. (2008). Desejabilidade social e barreiras ao cumprimento da terapêutica dietética em mulheres com excesso de peso. *Acta Médica Portuguesa*, 21(3), 221-228.
- Pope, K. S., Butcher, J. N., & Seelen, J. (2006). *The MMPI, MMPI-2, and MMPI-A in court: a practical guide for expert witnesses and attorneys* (3.ª ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Quinnell, F. A. & Bow, J. N. (2001). Psychological tests used in child custody evaluations. *Behavioral Sciences and the Law*, 19, 491-501. doi: 10.1002/bsl.452
- Ray, J. J. (1988). Lie scales and the elderly. *Personality and Individual Differences*, 9, 417-418.
- Reeder, M. C., & Ryan, A. M. (2012). Methods for correcting for faking. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 131-150). New York: Oxford University Press.
- Reynolds, W. M. (1982). Development of reliable and valid short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Clinical Psychology* 38(1),119-25.
- Ribas, R. C. Jr., Moura, M. L. S., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3, 83-92.
- Robinette, R. L. (1991). The relationship between the Marlowe-Crowne Form C and the validity scales of MMPI. *Journal of Clinical Psychology*, 47(3), 396-399.
- Roth, D. L., Harris, R. N., & Snyder, C. R. (1988). An individual differences measure of attributive and repudiative tactics of favorable self presentation. *Journal of Social and Clinical Psychology* 6, 159-170.
- Roth, D. L., Snyder, C. R., & Pace, L. R. (1986). Dimensions of favorable self-presentation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(4), 867-874.
- Saar, K., AAvik, T., & Konstabrl, K. (2012). Using principal component scores reduces the effect of socially desirable responding. *Personality and Individual Differences*, 53, 279-283.
- Salgado, J. (1996). Desejabilidade social e construtivismo: Dos retratos às máscaras. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C.

- Machado, & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (Vol. IV, pp. 93-99). Braga: APPORT.
- San Martini, P., Mazzotti, E. & Setaro, S. (1996). Factor structure and psychometric features of Italian version for the EPQ-R. *Personality and Individual Differences*, 21(6), 877-882.
- Scagliusi, F. B., Cordás, T. A., Polacow, V. O., Coelho, D., Alvarenga, M., Philippi, S. T., & Lancha, A. H. Jr, (2004). Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe e Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(6), 272-278.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219-247.
- Schermer, J. A., & MacDougall, R. (2013). A general factor of personality, social desirability, cognitive ability, and the survey of work styles in an employment selection setting. *Personality and Individual Differences*, 54, 141-144.
- Schmitt, N. (1994). Method bias: The importance of theory and measurement. *Journal of Organizational Behavior*, 15, 393-398.
- Schneider, B. H., Atkinson, L. & Tardif, C. (2001). Child – parent attachment and children’s peer relations: A quantitative review. *Developmental Psychology*, 37, 86-100.
- Seol, H. (2007). A psychometric investigation of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale using Rasch measurement *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 40(4), 155-168.
- Silvestre, M. J. A. (2011). *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes delinquentes institucionalizados em Centros Educativos* (Tese de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, Portugal.
- Smith, S. R., & Archer, R. P. (2008). Introducing personality assessment. In R. P. Archer & S. R. Smith (Eds.), *Personality Assessment* (pp. 1-36). New York: Routledge.
- Smith, D. & Ellingson, J. (2002). Substance versus style: A new look at social desirability in motivating contexts. *Journal of Applied Psychology*, 87(2), 211-219.
- Soubelet, A., & Salthouse, T. A. (2011). Influence of social desirability on age differences in self-reports of mood and personality. *Journal of Personality*, 79(4), 741-762. doi: 10.1111/j.1467-6994.2011.00700.x
- Steinmetz, H. L. (1932). Measuring ability to fake occupational interest. *Journal of Applied Psychology*, 16, 123-130.
- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment*, 17(3), 222-232.
- Tatman, A. W., Swogger, M. T., Love, K., & Cook. M. D. (2009). Psychometric properties of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale with adult male sexual offenders. *Sex Abuse*, 21(1), 21-34. doi: 10.1177/1079063208325203

- Tobin, N. L., Seals, R. W., & Vincent, J. P. (2011). Response patterns on the parent-child relationship inventory in a simulated child custody evaluation. *Journal of Child Custody*, 8, 284-300. doi: 10.1080/15379418.2011.620929
- Toth, S., Sheree, L., Cicchetti, D., Macfie, J, Maughan, C., & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, 2(3), 271-305.
- Weinberger, D. A., Schwartz, G. E., & Davidson, R. J. (1979). Low-anxious, high-anxious, and repressive coping styles: Psychometric patterns and behavioral and physiological responses to stress. *Journal of Abnormal Psychology*, 88, 369-380.
- Wechsler, D. (2008). *Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos - 3ª edição*. Lisboa: CEGOC-TEA.
- Zerbe, W. J., & Paulhus, D. L. (1987). Socially desirable responding in organizational behavior: A reconception. *The Academy of Management Review*, 12(2), 250-264.
- Ziegler, M., & Buehner, M. (2009). Modeling socially desirable responding and its effects. *Educational and Psychological Measurement*, 69(4), 548-565.
- Ziegler, M., MacCann, C., & Roberts, R. D. (2012). Faking: Knows, unknowns, and points of contention. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 3-16). New York: Oxford University Press.
- Zook, A., & Sipps, G. J. (1985). Cross-validation of a short form of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 41, 236-238.

Anexos

Anexo A – DESCA

Anexo B - Características psicométricas da DESCA Total (versão estudo: 21 itens)

Tabela 1. Consistência interna da DESCA (versão de estudo)

α (21 itens)	.677
---------------------	------

Tabela 2. Consistência interna da DESCA - versão de estudo (análise dos itens)

Itens	M_a	σ_a^2	r_b	α_a
1	49.80	29.104	.292	.662
2	50.40	29.872	.191	.673
3	50.17	29.241	.248	.667
4	50.76	28.666	.354	.655
5	50.03	28.655	.361	.654
6	50.21	28.440	.386	.651
7	50.78	27.714	.515	.639
8	51.00	29.573	.282	.663
9	50.29	28.006	.436	.646
10	50.01	30.075	.187	.673
11	51.10	29.236	.347	.657
12	49.90	30.091	.252	.666
13	49.43	31.956	-.002	.685
14	50.01	29.000	.321	.659
15	51.05	28.561	.451	.648
16	50.00	33.581	-.219	.712
17	50.19	29.522	.299	.662
18	49.48	33.193	-.186	.703
19	49.98	33.365	-.202	.707
20	50.65	27.020	.521	.634
21	50.35	28.835	.339	.657

Nota. a = se item eliminado; b = correlação item/ total

Anexo C – Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens da *DESCA Total* (versão final)

Tabela 1. Consistência interna da DESCA (análise dos itens)

Itens	M_a	σ_a^2	r_b	α_a
1	32.32	26.863	.226	.757
2	32.69	25.738	.337	.747
3	33.29	26.074	.334	.747
4	32.56	25.693	.391	.741
5	32.74	25.243	.450	.735
6	33.31	24.584	.581	.723
7	33.52	25.678	.444	.737
8	32.82	25.479	.412	.739
9	33.63	25.600	.480	.734
10	32.54	26.902	.234	.756
11	33.58	25.196	.552	.728
12	32.53	30.814	-.243	.796
13	32.72	26.872	.280	.751
14	33.18	23.716	.608	.718
15	32.87	25.592	.406	.740

Nota. a = se item eliminado; b = correlação item/ total (assinaladas a negrito se > .300)

Tabela 2. Itens excluídos da versão final da DESCA

Sou incapaz de mentir
Mesmo quando acho que as coisas podem ficar complicadas para mim, não minto
Sou um bom ouvinte mesmo com as pessoas menos agradáveis
Consigo admitir que por vezes cometo erros
Digo aquilo em que acredito, mesmo que as outras pessoas possam discordar
Algumas pessoas que me conhecem não gostam da maneira como sou

Tabela 3. Estatísticas descritivas dos itens da DESCA

Itens	M	DP
1	2.98	.791
2	2.61	.845
3	2.02	.780
4	2.75	.770
5	2.57	.774
6	2.00	.733
7	1.79	.704
8	2.49	.782
9	1.68	.676

10	2.77	.765
11	1.73	.667
12	2.78	.761
13	2.59	.687
14	2.13	.832
15	2.43	.768

Tabela 4. Correlação DESCA Teste-Reteste

DESCA Reteste _b	
DESCA Teste _a	.749**

Nota. a N = 229 b n = 78

** p < .001

Tabela 5. Critério KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett

Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)	.824
Teste de Esfericidade de Bartlett (χ^2 (105))	894.798**

Nota. ** p < .001

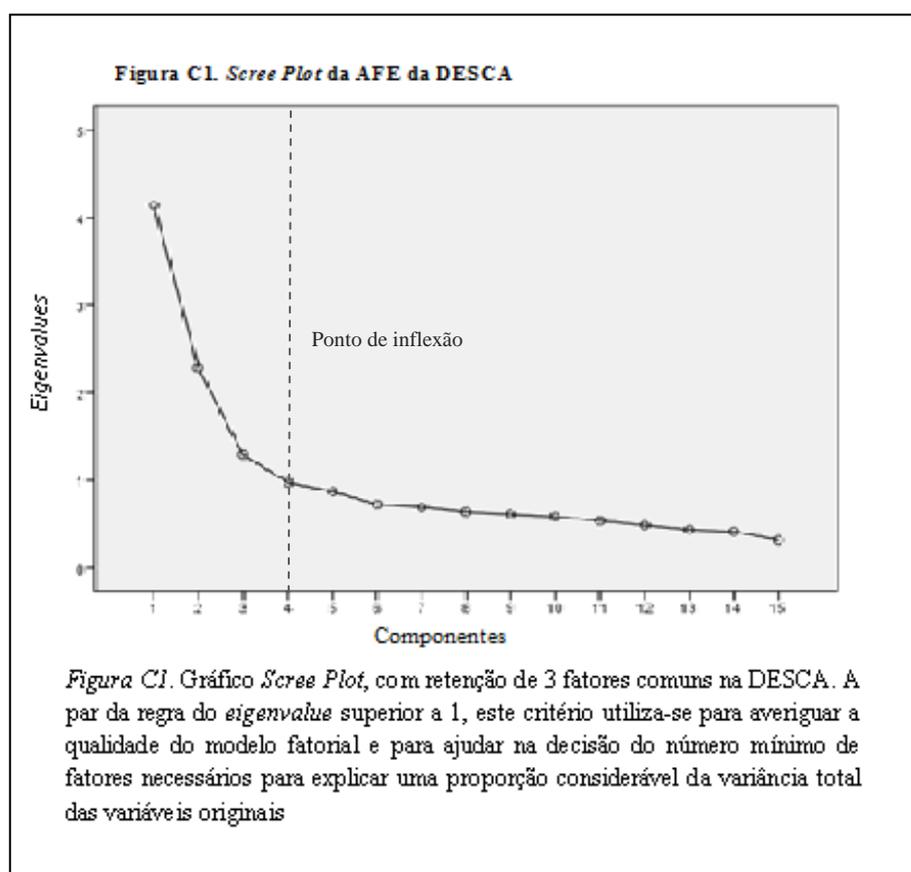


Tabela 6. Análise das Componentes Principais e Matriz da Rotação dos 3 Componentes

Itens	Componentes			h^2
	1 –Busca de Aprovação Social (BAS)	2 – Gestão de Imagem Social (GIS)	3 – Dependência Relacional (DR)	
1	-.023	.004	.584	.342
2	.162	-.023	.649	.448
3	.133	.639	.127	.442
4	.149	-.036	.754	.592
5	.281	.092	.614	.465
6	.621	.093	.372	.532
7	.726	-.012	.120	.542
8	.176	.766	.114	.631
9	.763	.069	.066	.592
10	-.048	.825	.028	.684
11	.731	.242	.095	.602
12	-.093	-.652	.190	.470
13	.136	.663	-.020	.459
14	.545	.297	.369	.522
15	.623	.091	.049	.399
<i>Eigenvalue</i>	4.144	2.284	1.294	
Variância				
Explicada (%)	19.475	18.138	13.863	

Nota. Encontra-se assinalado a negrito a saturação principal (peso fatorial > 300) de cada item no respetivo componente.

h^2 =Comunalidade

Anexo D - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 1: *Busca de Aprovação Social (BAS)*

Tabela 1. Consistência interna do Fator 1 (análise dos itens)

Itens	M_a	σ_a^2	r_a	α_a
6	9.77	6.898	.571	.764
7	9.99	7.109	.544	.770
9	10.09	7.080	.580	.763
11	10.04	7.033	.612	.756
14	9.64	6.573	.556	.769
15	9.34	7.093	.479	.786

Nota. a = se item eliminado; b = correlação item/ total (todos os itens apresentam uma correlação com o Total da Escala > .300.)

Tabela 2. Estatísticas descritivas dos itens do Fator 1

Itens	M	DP
6	2.00	.734
7	1.79	.702
9	1.69	.680
11	1.73	.666
14	2.13	.833
15	2.44	.768

Anexo E - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 2: *Gestão de Imagem Social (GIS)*

Tabela 1. Consistência interna do Fator 2 (análise dos itens)

Itens	M_a	σ_a^2	r_a	α_a
3	10.07	5.097	.475	.746
8	9.60	4.662	.624	.692
10	9.32	4.693	.634	.689
12	9.86	5.179	.469	.748
13	9.50	5.356	.488	.740

Nota. a = se item eliminado; b = correlação item/ total (todos os itens apresentam uma correlação com o Total da Escala > .300.)

Tabela 2. Estatísticas descritivas dos itens do Fator 2

Itens	M	DP
3	2.02	.780
8	2.49	.781
10	2.76	.765
12	2.22	.760
13	2.59	.686

Anexo F - Características psicométricas e Estatísticas descritivas dos itens do Fator 3: *Dependência Relacional* (DR)

Tabela 1. Consistência interna do Fator 3 (análise dos itens)

Itens	M_a	σ_a^2	r_a	α_a
1	7.93	3.313	.250	.637
2	8.30	2.793	.408	.524
4	8.17	2.783	.499	.456
5	8.35	2.959	.414	.520

Nota. a = se item eliminado; b = correlação item/ total (correlações com o Total da Escala > .300 encontram-se assinaladas a negrito)

Tabela 2. Estatísticas descritivas dos itens do Fator 3

Itens	M	DP
1	2.98	.791
2	2.61	.845
4	2.75	.770
5	2.57	.774

Anexo G – Resultados dos testes *t* e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCA Total)

Tabela 1. Resultados do Teste *t* para a variável Sexo

	Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (226)	<i>p</i>	95% IC		<i>d</i> de Cohen
						<i>LI</i>	<i>LS</i>	
DESCA Total	Feminino ^a	35.35	5.331	.169	.866	-1.334	1.583	.023
	Masculino ^b	35.23	5.584					

Nota. IC = Intervalo de Confiança; *LI* = limite inferior; *LS* = limite superior
a *n* = 141; b *n* = 87

Tabela 2. Resultados da ANOVA para a variável Idade

	Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (3, 224)	<i>p</i>	η^2_p
DESCA Total	18-24 ^a	35.17	5.287	2.362	.072	.031
	25-34 ^b	34.33	5.519			
	35-44 ^c	34.53	4.486			
	45-55 ^d	37.04	5.931			

Nota. a *n* = 106; b *n* = 43; c *n* = 32; d *n* = 47

Tabela 3. Resultados da ANOVA para a variável Escolaridade

	Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (4, 222)	<i>p</i>	η^2_p
DESCA Total	1º ciclo ^a	38.00	5.606	2.583	.038*	.044
	2º ciclo ^b	38.67	7.247			
	3º ciclo ^c	35.85	4.738			
	Secundário ^d	34.93	5.431			
	Superior ^e	34.49	5.047			

Nota. . a *n* = 8; b *n* = 15; c *n* = 39; d *n* = 100; e *n* = 65

* *p* < .05

Tabela 4. Resultados do Teste de comparações múltiplas de Bonferroni (variável Escolaridade)

	Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Post Hoc (Bonferroni)</i>
DESCA Total	1º ciclo (1)	38.00	5.606	1 = 2, 3, 4, 5
	2º ciclo (2)	38.67	7.247	2 = 1, 3, 4, 5
	3º ciclo (3)	35.85	4.738	3 = 1, 2, 4, 5
	Secundário (4)	34.93	5.431	4 = 1, 2, 3, 5
	Superior (5)	34.49	5.047	5 = 1, 2, 3, 4,

Anexo H – Resultados dos testes *t* e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCA Fator 1: *Busca de Aprovação Social*)

Tabela 1. Resultados do Teste *t* para a variável Sexo

	Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (227)	<i>p</i>	95% IC		<i>d</i> de Cohen
						<i>LI</i>	<i>LS</i>	
Busca de Aprovação Social	Feminino ^a	11.78	3.106	.054	.957	-.812	.858	.0074
	Masculino ^b	11.76	3.121					

Nota. a *n* = 142; b *n* = 87

Tabela 2. Resultados da ANOVA para a variável Idade

	Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (3, 225)	<i>p</i>	η^2_p
Busca de Aprovação Social	18-24 ^a	11.62	3.200	4.627	.004*	.058
	25-34 ^b	10.88	2.938			
	35-44 ^c	11.44	2.663			
	45-55 ^d	13.13	2.965			

Nota. a *n* = 106; b *n* = 43; c *n* = 32; d *n* = 48

* *p* < .05

Tabela 3. Resultados do Teste de comparações múltiplas de Bonferroni (variável Idade)

	Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	Post Hoc (Bonferroni)
Busca de Aprovação Social	18-24 (1)	11.62	3.200	1 < 4
	25-34 (2)	10.88	2.938	2 < 4
	35-44 (3)	11.44	2.663	3 = 1. 2. 3
	45-55 (4)	13.13	2.965	4 > 1. 2

Tabela 4. Resultados da ANOVA para a variável Escolaridade

	Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (4, 223)	<i>p</i>	η^2_p
Busca de Aprovação Social	1º ciclo ^a	13,22	2.108	3.201	.014*	.054
	2º ciclo ^b	13,67	3.416			
	3º ciclo ^c	12,38	2.730			
	Secundário ^d	11,53	3.221			
	Superior ^e	11,14	2.984			

Nota. a *n* = 9; b *n* = 15; c *n* = 39; d *n* = 100; e *n* = 65

* *p* < .05

Tabela 5. Resultados do Teste de comparações múltiplas de Bonferroni (variável Escolaridade)

	Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Post Hoc (Bonferroni)</i>
Busca de Aprovação Social	1º ciclo (1)	13,22	2.108	1 = 2, 3, 4, 5
	2º ciclo (2)	13,67	3.416	5 < 2 = 1, 2, 3
	3º ciclo (3)	12,39	2.730	3 = 1, 2, 4, 5
	Secundário (4)	11,53	3.221	4 = 1, 2, 3, 5
	Superior (5)	11,14	2.984	2 > 5 = 1, 3, 4

Anexo I – Resultados dos testes *t* e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCA Fator 2: *Gestão de Imagem Social*)

Tabela 1. Resultados do Teste *t* para a variável Sexo

	Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (227)	<i>p</i>	95% IC		<i>d</i> de Cohen
						<i>LI</i>	<i>LS</i>	
Gestão de Imagem Social	Feminino ^a	12.52	1.967	-1.149	.252	-.863	.227	- 0.1564
	Masculino ^b	12.84	2.134					

Nota. a *n* = 142; b *n* = 87

Tabela 2. Resultados da ANOVA para a variável Idade

Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA			
			<i>F</i> (3, 225)	<i>p</i>	η^2_p	
18-24 ^a	12.25	1.852	2.905	.036*	.037	
Gestão de Imagem Social	25-34 ^b	12.88				2.163
	35-44 ^c	12.72				2.052
	45-55 ^d	13.23				2.166

Nota. a *n* = 106; b *n* = 43; c *n* = 32; d *n* = 48

* *p* < .05

Tabela 3. Resultados do Teste de comparações múltiplas de Bonferroni (variável Idade)

Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	Post Hoc (Bonferroni)	
Gestão de Imagem Social	18-24 (1)	12.25	1.852	1 < 4
	25-34 (2)	12.88	2.163	2 = 1, 3, 4
	35-44 (3)	12.72	2.052	3 = 1, 2, 4
	45-55 (4)	13.23	2.166	4 > 1

Tabela 4. Resultados da ANOVA para a variável Escolaridade

Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA			
			<i>F</i> (4, 223)	<i>p</i>	η^2_p	
Gestão de Imagem Social	1º ciclo ^a	13,89	2,977	1.869	.117	.032
	2º ciclo ^b	13,40	2,586			
	3º ciclo ^c	12,85	2,059			
	Secundário ^d	12,52	2,032			
	Superior ^e	12,37	1,664			

Nota. a *n* = 9; b *n* = 15; c *n* = 39; d *n* = 100; e *n* = 65

Anexo J – Resultados dos testes *t* e ANOVA para a influência das variáveis sociodemográficas (DESCA Fator 3: *Dependência Relacional*)

Tabela 1. Resultados do Teste *t* para a variável Sexo

	Sexo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (226)	<i>p</i>	95% IC		<i>d</i> de Cohen
						<i>LS</i>	<i>LI</i>	
Dependência Relacional	Feminino _a	11.09	2.151	1.568	.118	-.118	1.038	0.2138
	Masculino _b	10.63	2.152					

Nota. a *n* = 141; b *n* = 87

Tabela 2. Resultados da ANOVA para a variável Idade

	Idade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (3, 224)	<i>p</i>	η^2_p
Dependência Relacional	18-24 _a	11.29	2.259	2.252	.083	.029
	25-34 _b	10.56	2.097			
	35-44 _c	10.38	1.661			
	45-55 _d	10.77	2.189			

Nota. a *n* = 106; b *n* = 43; c *n* = 32; d *n* = 47

Tabela 3. Resultados da ANOVA para a variável Escolaridade

	Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	ANOVA		
				<i>F</i> (4, 222)	<i>p</i>	η^2_p
Dependência Relacional	1º ciclo _a	11,25	2,816	.631	.641	.011
	2º ciclo _b	11,60	2,923			
	3º ciclo _c	10,62	1,858			
	Secundário _d	10,88	2,124			
	Superior _e	10,98	2,125			

Nota. a *n* = 8; b *n* = 15; c *n* = 39; d *n* = 100; e *n* = 65

Anexo K – Análise dos Resultados das Correlações (*r* de Pearson)

Tabela 1. Resultados das Correlações de Pearson entre a DESCA, Compreensão; EPQ-R; ESEMP

Medida	Compreensão	N	E	P	ESEMP
DESCA	-.117	.192*	.039	-.131*	-.111
BAS	-.062	.141*	-.113	-.033	-.285**
GIS	-.111	-.048	.204*	-.254**	.068
DR	-.112	.337**	.076	-.049	.059

Nota. N = Neuroticismo (EPQ-R); E = Extroversão (EPQ-R); BAS = Busca de Aprovação Social; GIS = Gestão de Imagem Social; DR = Dependência Relacional.

* $p < .05$ ** $p < .001$

Tabela 2. Resultados das Correlações de Pearson - DESCA e fatores

Medida	DESCA	BAS	GIS	DR
DESCA	--	.861**	.609**	.700**
BAS	.861**	--	.311**	.434**
GIS	.609**	.311**	--	.141*
DR	.700**	.434**	.141*	--

Nota. BAS = Busca de Aprovação Social;

GIS = Gestão de Imagem Social;

DR = Dependência Relacional.

* $p < .05$ ** $p < .001$

Tabela 3. Resultados das Correlações de Pearson - validade convergente

Medida	L	MCSDS
DESCA	.078	-.115
BAS	-.052	-.079
GIS	.379**	.017
DR	-.070	-.184*

Nota. BAS = Busca de Aprovação Social;

GIS = Gestão de Imagem Social;

DR = Dependência Relacional.

L = Mentira/ Desejabilidade Social (EPQ-R);

* $p < .05$ ** $p < .001$